



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
Seção II

ANO XXVII — Nº 66

QUINTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1972

BRASÍLIA — DF

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO DA ATA DA 75.^a SESSÃO, EM 9 DE AGOSTO DE 1972

SESSÃO ESPECIAL DESTINADA A COMEMORAR O I CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO SANITARISTA BRASILEIRO OSWALDO CRUZ

ATA DA 75.^a SESSÃO EM 9 DE AGOSTO DE 1972

2.^a Sessão Legislativa Ordinária da 7.^a Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. PETRÔNIO PORTELLA

As 14 horas e 30 minutos, acham-se presentes os Srs. Senadores:

José Guiomard — Geraldo Mesquita — Flávio Britto — José Lindoso — José Esteves — Cattete Pinheiro — Milton Trindade — Renato Franco — Alexandre Costa — Clodomir Milet — José Sarney — Fausto Castello-Branco — Petrônio Portella — Helvídio Nunes — Virgílio Távora — Waldemar Alcântara — Wilson Gonçalves — Dinarte Mariz — Duarte Filho — Jessé Freire — Domicio Gondim — Milton Cabral — Ruy Carneiro — João Cleofas — Paulo Guerra — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Leandro Machiel — Lourival Baptista — Antônio Fernandes — Heitor Dias — Ruy Santos — Carlos Lindenberg — Eurico Rezende — Amaral Peixoto — Paulo Tôrres — Vasconcelos Torres — Benjamin Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Gustavo Capanema — José Augusto — Magalhães Pinto — Carvalho Pinto — Franco Montoro — Orlando Zancaner — Benedito Ferreira — Emival Calado — Osires Teixeira — Fer-

nando Corrêa — Filinto Müller — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Mattos Leão — Ney Braga — Antônio Carlos — Celso Ramos — Lenoir Vargas — Daniel Krieger — Guido Mondin — Tarsó Dutra.

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Declaro aberta a sessão, que se destina, por deliberação do Plenário, a comemorar o primeiro centenário do nascimento do sanitário brasileiro Oswaldo Cruz.

Sobre a mesa, expediente que vai ser lido pelo Sr. 1.^º-Secretário.

É lido o seguinte

EXPEDIENTE

OFÍCIOS

SOCIEDADE DE MEDICINA DE PELOTAS

Pelotas, 03 de agosto de 1972

Exmo. Sr.

Senador Petrônio Portella

M.D. Presidente do Senado Federal
Sabedores da Sessão do Senado Federal em Homenagem ao 1.^º Centenário de nascimento de Oswaldo Cruz, credenciamos o Dr. Naum Keiserman membro da Diretoria da Sociedade de Medicina de Pelotas para representar nossa Sociedade e por extensão toda a Classe Médica pelotense, que com respeito e admiração se associa às homenagens que serão tributadas àquele insigne brasileiro e sua Obra.

Sem mais, respeitosamente. — Dr. Carlos Karam, Presidente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CULTURA

Colégio Pedro II

Of. n.º 464/72

Em 8 de agosto de 1972

Do Diretor-Geral do Colégio Pedro II

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal Senador Petrônio Portella.

Senhor Presidente,

O Senador Benjamin Farah, em nome de Vossa Excelência, teve a gentileza de convidar o Colégio Pedro II para se fazer representar nas homenagens que o Senado Federal prestará, amanhã, dia 9, ao grande cientista patrício Oswaldo Cruz.

Ao agradecer a atenção de Vossa Excelência apraz-me comunicar que o Professor Carlos Potsch, Professor Titular de História Natural, foi por mim designado para representar o Colégio Pedro II nas aludidas homenagens.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Excelência os protestos de elevada consideração e subscrevo-me atenciosamente. Vandick Londres da Nóbrega, Diretor-Geral.

UNIVERSIDADE DE GAMA FILHO

Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1972

Excelentíssimo Senhor
Presidente do Congresso Nacional
Atendendo ao convite de Vossa Excelência, feito a esta Instituição, atra-



EXPEDIENTE
SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

EVANDRO MÉNDES VIANA
Diretor-Geral do Senado Federal

ARNALDO GOMES
Superintendente

PAULO AURÉLIO QUINTELLA
Chefe da Divisão Administrativa

ÉLIO BUANI
Chefe da Divisão Industrial

DIARIO DO CONGRESSO NACIONAL
Seção II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície:

Semestre	Cr\$ 20,00
Ano	Cr\$ 40,00

Via Aérea:

Semestre	Cr\$ 40,00
Ano	Cr\$ 80,00

(O preço do exemplar atrasado será acrescido
de Cr\$ 0,02)

Tiragem: 15.000 exemplares

vés de seu Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, tenho a honra de comunicar-lhe que a Universidade Gama Filho se associa a todo o povo brasileiro quando, por meio de seus legítimos representantes no Egrégio Congresso Nacional, presta justa homenagem à memória do grande brasileiro Dr. Oswaldo Cruz, ao ensejo do primeiro centenário de seu nascimento.

Assim sendo, esta Reitoria outorga, nesta oportunidade, credencial ao Vice-Reitor de Desenvolvimento, Professor Dr. Arthur Campos da Paz Filho para representar oficialmente a Universidade Gama Filho por ocasião da Sessão Solene comemorativa àquela grata efeméride, a realizar-se em Brasília, no próximo dia 10 do corrente.

Queira Vossa Excelência aceitar os meus protestos de acendrado apreço e elevada consideração. — Prof. Des. José Murta Ribeiro, Reitor.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS**

Campinas, 19 de julho de 1972.

Of. 746/72

Ex.mo Sr.
Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

Brasília

Senhor Presidente,

Recebemos com satisfação o telegrama de V. Ex.^a, dando-nos notícias da Sessão Especial aberta pelo Senado da República, destinada a comemoração do Centenário de Nascimento do insigne Sanitarista Oswaldo Cruz.

Agradecemos o convite e temos certeza que sua difusão entre os do-

centes desta Faculdade encontrará satisfatória acolhida.

Na oportunidade desejamos cumprimentar os membros dessa Casa, na pessoa de V. Ex.^a pela lembrança e homenagens a tão grande Brasileiro.

Atenciosamente, Prof. Dr. José Lopes de Faria, Resp. p/ Exp. da Diretoria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL
SERRA DOS ÓRGÃOS**

**Faculdade de Medicina
de Teresópolis**

Do: Assessor Técnico da Faculdade de Medicina de Teresópolis

Ao: Ex.mo Sr. Petrônio Portella

Assunto: Agradecimento (Faz)

Of.º n.º 249

Teresópolis, 10-07-72.

Senhor Presidente:

Honra-me em nome do Sr. Diretor desta Faculdade, Professor Antonio Paulo Capanema, agradecer a gentileza do convite para participar da Sessão Especial que o Senado Federal fará realizar no dia 9-8-72, em comemoração do primeiro centenário do nascimento do "Sanitarista Oswaldo Cruz". Impossibilitado de comparecer apresento a V. S.^a minhas efusivas congratulações pela magnífica iniciativa.

Nesta oportunidade, apresento-lhe meus protestos de estima e consideração.

Atenciosamente. — Prof. Geraldo Ribeiro Pinto, Assessor.

FUNDAÇÃO LUSIADA

**Faculdade de Ciências
Médicas de Santos**

Of. n.º 238/72 — FCMS

Santos, 13 de julho de 1972.

"ANO DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL".

Ao

Ex.mo Sr.
Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Senhor Presidente:

Temos a subida honra de nos dirigir a V. Ex.^a para agradecer o amável convite para assistir a Sessão Especial, no qual se reverenciará a memória do eminentíssimo Sanitarista Oswaldo Cruz.

Todos os esforços serão por nós enviados, porque somos também daqueles que muito admiram o grande médico.

Na oportunidade, despedimo-nos de V. Ex.^a, na certeza de que a Sessão em apreço terá um brilho invulgar.

Atenciosamente. Dr. Affonso Renato Meira.

**ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA
DE UBERLÂNDIA**

Uberlândia, 12 de julho de 1972

Exmo. Sr.
Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal
BRASÍLIA — DF

Senhor Presidente,

Alvo de nossa melhor atenção foi seu obsequioso Telegrama 25.203 de 7

deste que nos convida para a sessão do Senado Federal em 9 de agosto próximo futuro, em homenagem ao consagrado sanitário Oswaldo Cruz.

Em verdade a comemoração do centenário de nascimento do renomado médico, é sob todos os aspectos merecida e uma reverência à memória daquele que dedicou a sua vida na busca de elementos para minorar os males que afigem o seu semelhante.

Faremos todo esforço para prestar com nossa presença a sessão assinalada no telegrama em apreço.

Nesta oportunidade apresentamos nossos agradecimentos e subscrevemo-nos com estima e admiração.

Atenciosamente, Dr. José Olympio de Freitas Azevedo, Diretor.

FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto, 14 de julho de 1972.

Of. E. 2565/72

Exmo. Sr. Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

70000 — BRASÍLIA — DF

Senhor Presidente:

Tenho a satisfação de acusar o recebimento do convite para a sessão especial que o Senado Federal fará realizar, no próximo dia 9 de agosto, destinada a comemorar o primeiro centenário de nascimento de Oswaldo Cruz.

Ao agradecer a gentileza, congratulo-me com V. Ex.^a pela feliz iniciativa, valendo-me do ensejo para apresentar os protestos da minha elevada estima e consideração. — Prof. Dr. Alberto Raul Martinez, Diretor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Centro de Ciências Biomédicas

Santa Maria, 13 de julho de 1972

Exmo. Sr.
Dr. Petrônio Portella
MD. Presidente do Senado Federal

BRASÍLIA — DF

Senhor Senador

Agradecendo-lhe sensibilizado o convite que teve V. Ex.^a a gentileza de me dirigir, para a Sessão Especial em homenagem ao eminente sanitário Dr. Oswaldo Cruz, ao ensejo da comemoração do Centenário do seu nascimento.

Em nome do Corpo Docente deste Centro, congratulo-me com essa Egrégia Casa pela realização desse importante ato em justa lembrança ao no-

me do maior Sanitário brasileiro, deixando os seus seguidores no campo da Saúde Pública um exemplo de bem sucedida administração sanitária.

Ao associar-me às comemorações do Centenário de Oswaldo Cruz, oportunamente promovidas pelo Senado Federal, aproveito para afirmar-lhe a certeza do meu sincero apreço e consideração.

Atenciosamente. — Prof. Dr. Leovigildo Leal de Moraes, Decano C.C.B.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO ABC

Faculdade de Medicina

Santo André — São Bernardo do Campo — São Caetano do Sul

Cidade Universitária, 13 de julho de 1972.

Of. n.º 380/72

Proc. FM. 451/72

Exmo. Sr.
Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

70.000 — Brasília — DF

Senhor Presidente:

Recebemos telegrama de V. Ex.^a convidando-nos e ao Corpo Docente da Faculdade de Medicina da Fundação Universitária do ABC para a Sessão Especial que o Senado Federal fará realizar no próximo dia 9 de agosto de 1972.

Agradecendo o convite de V. Ex.^a associamo-nos às justas homenagens que se prestará ao insigne Sanitário Oswaldo Cruz por ocasião do Primeiro Centenário do seu nascimento.

Valemo-nos no ensejo, para apresentar à V. Ex.^a os protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente, Prof. Dr. Ivanhoe Espósito, Diretor.

FACULDADE DE MEDICINA DE VITÓRIA

Vitória, 26 de julho de 1972

OF/“EMESCAM” n.º 286/72

Ao Exmo. Sr.
Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Senhor Presidente:

Em nome da Direção desta Faculdade, cumpre-nos o grato mister de acusar e agradecer o convite de V. S.^a, para Sessão Especial que fará realizar no próximo dia 9 de agosto em Comemoração ao Primeiro Centenário de

nascimento do sanitário Oswaldo Cruz, que grandes benefícios trouxe a humanidade.

Reiterando nossos agradecimentos, com estima e admiração, subscrevemo-nos mui...

Atenciosamente. — Homero Couto Esteves, Secretário “EMESCAM”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Faculdade de Medicina

F.M. — Ofício n.º 751.

Recife, 11 de julho de 1972.

Exmo. Sr.
Presidente do Senado Federal
Brasilia — DF.

Agradeço a gentileza do convite para participar da Sessão Especial desse Senado, em homenagem ao grande cientista Oswaldo Cruz, a realizar-se em agosto próximo.

Atenciosamente, Prof. Arthur Barreto Coutinho, Diretor.

ORGANIZAÇÃO MOGIANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA — OMEC

Centro de Ciências da Saúde

Mogi das Cruzes, 14 de julho de 1972

Da Diretoria da Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes

Ao Senador Petrônio Portella
DD. Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Agradecendo o atencioso convite para participarmos das comemorações do primeiro centenário do nascimento de Oswaldo Cruz, desde já nos associamos a tão elevada iniciativa, em nosso próprio nome e em nome do Corpo Docente da Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar os nossos protestos de estima e consideração.

Cordialmente. — Prof. Dr. Castor Jordão Cobra, Diretor da F.M.M.C e do C.C.S.

TELEGRAMAS RECEBIDOS

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Lamentando não poder comparecer à sessão especial do dia 9, agradeço o honroso convite. Respeitosamente, Horácio Mello, — Diretor da Escola Paulista de Medicina.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal
Brasília — DF

Profundamente agradecidos pelo honroso convite de Vossa Excelência para comparecer à sessão especial em homenagem a Oswaldo Cruz, expresso solidariedade desta Escola Médica na comemoração que une todos os brasileiros de personalidade marcante e grande vulto deste País. Professor Gatto Falcão — Diretor.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Atendendo ao convite, confirmo minha presença à sessão especial do Senado Federal em 9 de agosto, destinada à comemoração do Centenário de Nascimento do Sanitarista Oswaldo Cruz, representando a Faculdade de Medicina de Pelotas. Saudações, Naum Keiserman — Diretor.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Tenho a honra de me associar às homenagens ao Doutor Oswaldo Cruz, em nome do corpo docente, discente e administrativo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Congratulamo-nos com a Casa Maior do Legislativo Nacional pela patriótica e justa iniciativa. Cumprimentos atenciosos Professor José Pinto Machado — Diretor.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Agradecendo ao convite para participar da sessão comemorativa do primeiro Centenário do nascimento de Oswaldo Cruz, honra e glória da medicina brasileira, tenho a satisfação de informar a Vossa Excelência que nesta solenidade esta Escola Médica e Universidade Gama Filho serão representadas pelo Vice-Reitor Professor Artur Campos da Paz Filho. Professor Gentille, Decano do Centro de Ciências Biológicas e Saúde.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Agradecemos, em nome da Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o honroso convite para par-

ticipar das comemorações do Senado Federal relativas ao primeiro centenário do nascimento de Oswaldo Cruz. Congratulando-nos por essa justa homenagem ao grande sanitarista, cientista brasileiro, transmitimos saudações atenciosas. Prof. José Rosemberg — Diretor.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Em meu nome e em nome de todo o corpo docente da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, desejo expressar a Vossa Excelência os sinceros agradecimentos pela gentileza do convite para participar da cerimônia comemorativa do primeiro centenário do nascimento de Oswaldo Cruz, a qual tem esta Faculdade a honra de associar-se. Saudações, Prof. Antônio Simão Santos Figueira — Diretor da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Em nome do corpo docente médico do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina, agradecemos o convite para a comemoração do primeiro centenário de nascimento de Oswaldo Cruz. Dr. Willmo Maletkze, Secretário do Centro de Ciências da Saúde.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Respondendo ao honroso convite, comunico a Vossa Excelência que comparecerei à sessão especial comemorativa do centenário de nascimento do sanitarista Oswaldo Cruz. Saudações, Dr. Miguel Cordeiro de Azevedo — Diretor do Instituto Evandro Chagas.

Exmo. Sr. Senador Petrônio Portella
Presidente do Senado Federal

Brasília — DF

Agradeço o convite e confirmo meu comparecimento à sessão do dia nove de agosto, destinada a comemorar o centenário de Oswaldo Cruz. Cumprimento Vossa Excelência e demais membros dessa augusta Casa. Dra. Lygia Madeira Cezar de Andrade — Diretora do Instituto de Leprologia.

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — O expediente lido vai à publicação.

Concedo a palavra ao nobre Senador Benjamin Farah.

O SR. BENJAMIN FARAH — (Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Senadores, não sei quando, nem onde, em minha carreira política, me foi atribuída missão mais nobre que esta, em que o Senado da República se reúne em sessão especial para reverenciar a memória daquele notável brasileiro de quem Salles Guerra, um dos grandes médicos de sua época, disse certa vez:

"Oswaldo Cruz foi o homem mais perfeito que tenho conhecido."

Em verdade, são sem conta os traços relevantes daquele sanitarista, que não foi apenas o orgulho de sua terra, do seu povo, mas é um patrimônio que dignifica o gênero humano.

Por isso, esta iniciativa do Senado mereceu logo a solidariedade de expressivas organizações científicas e diversas representações que vêm desse Brasil longínquo para prestigiar esta Casa do Poder Legislativo, neste encontro memorável de corações que se unem e se harmonizam num esforço conjunto, para que o País atinja o seu estágio de desenvolvimento, de Justiça, de paz e de amor.

Podemos dizer que o Senado homenageia e é homenageado. Atentem para este fato: entre as delegações aqui presentes, as quais nos desvanezem, devo acentuar, pulsa o coração generoso de Oswaldo Cruz, através de um dos seus dignos descendentes, o Professor Oswaldo Cruz Filho, que para satisfação geral, e por uma coincidência admirável do destino, dirige, também, o Instituto Oswaldo Cruz, a grande criação do higienista, honra e glória desta Nação.

Não se deve dissociar a vida do sábio de Manguinhos daquele outro médico, simples e honrado: Bento Gonçalves Cruz, seu progenitor.

Oswaldo Cruz nem chegou ao fim da primeira infância, quando sua família se transfere para o Rio, saindo de São Luiz de Piratinga, em São Paulo, onde nasceu a 5 de agosto de 1872.

O Dr. Bento Gonçalves Cruz dirige-se para a Capital do País, a fim de exercer a sua profissão. Mas se preocupa, desde logo, com os estudos do filho que, no regaço materno e sob os olhos atentos do pai, recebeu as primeiras lições do alfabeto, fazendo progressos de tal forma que, com cinco anos apenas, lia corretamente.

Vão passando os tempos.

Retraído, avesso ao estardalhaco, quem poderia prever que ali, naquele modesto estudante, de aparência tímida, palpitassem uma alma peregrina,

que num futuro não distante, tantas glórias daria ao Brasil?

E, no anonimato, sem ruído e sem alarde, ia vivendo Oswaldo Cruz.

No Laboratório de Higiene, com Rocha Faria, de quem foi assistente, trabalhava como diz um dos seus biógrafos: "com a constância de uma abelha e a diligência de uma formiga".

Os estudos de higiene eram as suas mais ardentes preocupações.

Francisco de Castro, orador primoroso, professor notável, a maior figura de médico do seu tempo, cognominado o "Divino Mestre", visitando, certa vez, a família do Dr. Bento, de quem era amigo, viu, no porão daquela residência, um modesto laboratório, em que Oswaldo Cruz fazia pesquisas. Lá estavam os tubos, os cálices, as retortas, as pilhas elétricas, os reatores, o microscópio, as lâminas e o material colhido para as experiências e observações. O Professor Castro, com brandura e respeito, transmite-lhe palavras de ânimo, que jamais foram esquecidas. Recomenda-lhe a França. Especialmente Paris, o polo de maior atração da inteligência naquele tempo, onde se localiza o famoso Instituto Pasteur.

Como fizera bem aquela visita! Essa indicação coincidia com seus anseios.

Aos vinte anos concluiu o curso de Medicina. A sua tese "Veiculação Micrônica pelas Águas", foi agraciada com distinção. Na formatura, primeiro e grande degrau na vida de quem segue uma carreira universitária, faltou alguém, precisamente aquele coração cheio de bondade, de carinho, de ternura, de sonhos, de confiança em Oswaldo. Não estava ali o seu primeiro mestre, o seu maior amigo, aquele que o ensinara a balbuciar as primeiras letras e depois, com desvelo e amor, vaticinara para o filho muito amado um mundo de esperanças e vitórias. Não pensara o pai, certamente, o caminho cheio de pedras, espinhos, amarguras, macerações e dores que ele, Oswaldo, teria que percorrer.

A primeira conquista, a mais cobizada, a mais querida — o grande dia da diplomação, não teve a presença do Dr. Bento Gonçalves Cruz. Ele falecera naquele ano. Quanta falta lhe fazia. Por isso, tantas vezes o filho, esmagado de saudades, com o coração mutilado pela maldade humana, não iria à sepultura do seu progenitor, para dialogar, pedindo-lhe que enxugasse um pouco de suas lágrimas e abrandasse as amarguras impostas pelas turbas desvairadas, sob o impulso do ódio, da inveja e da maledicência. Sem dúvida, ele teria ouvido es-

tas palavras de amor e de concórdia, no tom do Pregador da Galléa:

"Filho, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem".

Vinte anos apenas. Um moço cheio de sonhos, de anseios, de vontade de ser útil e de servir, já com os duros encargos de família. E o seu ideal de aprimorar a cultura? E os sofrimentos daqueles pobres operários tantas vezes atendidos pelo Dr. Bento? Quem iria cuidá-los? Ele mesmo, Oswaldo, com a mesma dedicação, com a mesma bondade, com o mesmo despreendimento.

Poder-se-ia, então, pensar que aquele jovem, que tanto desejo tinha de ir ao encontro de mestres, de sábios, para novos experimentos, já estivesse com as portas fechadas e os seus sonhos desfeitos. E o rumo da sua vida mudado. Teria que substituir, na clínica, o pai.

Começa-lhe o destino áspero e violento. Mas... não desanima. Não para. Não descansa. Caminha. Luta. Insiste. Vai aos bairros pobres. Atende aqui, ali, acolá, em toda parte. Procura de preferência os lares desprotegidos. Assiste. Consola. Cura. Segue o roteiro do Dr. Bento.

Assim atinge, um a um, os objetivos daquele que nos ensinamentos, no esforço, na abnegação, com os exemplos de honra e na prática do bem, deixou o melhor legado ao filho que saberia ser digno do grande pai.

Ele não se esquecia do progenitor. A sua figura guia-lhe os passos. Está com ele presente em todas as atividades. E nos trabalhos, nos relatórios, nas memórias, a sua participação. Junta-se gostosamente a ele, colocando sempre o seu nome em tudo: Gonçalves Cruz, para não haver distinção entre pai e filho, insistindo e telmando, apesar das advertências.

Para ele um era o outro. Aquele era este. Este era aquele. De tal modo que Oswaldo Cruz poderia dizer como Rui, no Senado Federal:

"Falei-vos, em meu pai. O que sou, menos o coração em que minha mãe entrou grandemente, dele nasce quase exclusivamente, como a água que corre da água que já correu."

"Esta cabeça que eu tenho, não é mais que uma apagada sombra da sua."

E mais:

"O amor da pátria, a intransigência da honra, a firmeza da vontade, o culto dos princípios, o desprezo dos perigos, o fundo religioso do sentimento e das idéias, isso tudo é seu. De modo que, a cada passo da minha vida, o que eu sinto dentro do mais íntimo de

mim mesmo, é meu pai. Ele não morreu; em mim vive, e reviverá, enquanto alguma coisa de mim restar."

Um dia Oswaldo Cruz chega a Paris. Eis a Cidade-Luz, com as suas belezas, os seus museus e os boulevards. Paris, com as modas, os atrativos e os seus encantos. Paris iludiu a tantos jovens, sepultou tantos corações.

Que importa! Seu objetivo é outro. Para ele, em toda aquela vasta Babilônia, o que o preocupa é o Instituto Pasteur.

O sábio de França deixou ali a marca da sua presença, — ele que da sua humildade e pobreza, atingiu as culminâncias maiores da ciência; ele que fora uma das mais esplêndidas florações humanas. E o jovem brasileiro iria percorrer a mesma via crucis do cientista francês. Estaria exposto ao palco de todas as maldades e chamar-lhe-iam de "parvo, sectário, inimigo do povo". Seria igual a Pasteur não só na devocão apostolar à Ciência, mas também, vítima da incompreensão; e como ele, firme e forte nos sofrimentos, na coragem, na decisão.

Paris, para Oswaldo Cruz, não era o turismo, o devaneio, a curiosidade. Ele tinha um objetivo! Uma missão! Um ideal! Por isso, a meta era o Instituto Pasteur. E foi. E lutou por três anos. Fez amizades. Tornou-se querido e respeitado por muitos, entre outros, Metchnikoff, o descobridor da fagocitose. O sábio russo se entusiasmou pelo jovem brasileiro, de tal modo, que formulou convite para Oswaldo Cruz trabalhar ao seu lado, na Rússia.

Em Paris, conheceu também várias figuras importantes, cujas lições e amizade lhe foram muito úteis, como Ogier, Vibert, Guyon, Albaran e o famoso Emile Roux, descobridor da toxina diftérica e criador do soro antidiftérico; grande bacteriologista, admirável sábio, eminente colaborador de Pasteur.

O primeiro brasileiro a transpor os umbrais daquela Casa foi Oswaldo Cruz. E, diga-se de passagem, que o nosso país está ligado ao Instituto Pasteur graças a um gesto magnânimo de Dom Pedro II, que deu uma contribuição para o erguimento daquela Instituição. Lá está o busto do velho Monarca, atestando, a quantos ali apontem, que o Brasil é sensível e solidário com as obras generosas e nobres que vissem ao aperfeiçoamento e o bem-estar da criatura humana.

Oswaldo Cruz foi e venceu. Três anos de afanosos estudos, pesquisas e observações. Retorna à sua Pátria, sacrificada e sacudida por terríveis males, onde seu preparo iria ser posto à prova.

Corria o ano de 1899. Irrompe uma epidemia em Santos, fazendo vítimas. O Governo federal envia Oswaldo Cruz para lá. Em São Paulo, são designados Adolpho Lutz e Vital Brasil. Três nomes pouco conhecidos na época, porém, mais tarde, a História os iria consagrar.

Suspeitaram eles que se tratava de peste bubônica, o que foi confirmado. As medidas defensivas foram providenciadas.

Receando-se o alastramento da moléstia, idealizou-se a criação de Laboratórios para o preparo de soros e vacinas, a fim de combater.

Em São Paulo, foi fundado o Instituto Butantã, sob a direção de Vital Brasil. No Rio, organizou-se o Instituto Soroterápico Municipal. O seu organizador foi o Barão de Pedro Afonso. Embora cirurgião, imprimiu-lhe cunho científico digno de registro. Convocou auxiliares, tais como o Coronel-Médico Ismael da Rocha, do Serviço de Saúde do Exército, Henrique Figueiredo de Vasconcelos, os estudantes Ezequiel Dias e Cardoso Fontes. Para fazer bacteriologia, Oswaldo Cruz, que trazia o respaldo de ex-estagiário no Instituto Pasteur de Paris. A Comissão, após algumas investigações, escolheu uma área da Prefeitura, junto ao mar, cheia de mangues; era a Fazenda Manguinhos. Nessa área, existiam duas casas velhas, em ruína e no abandono. Os reparos foram realizados.

Tal como o lírio que nasce do charco, naquele terreno pantanoso forma-se a célula embrionária do mais prestigioso Instituto de Biologia e Medicina Experimental do Brasil, com larga projeção em toda parte.

Oswaldo Cruz impõe-se logo pela sua capacidade de trabalho, organização, paciência e cultura, cuidando especificamente do preparo do soro antipestoso. O Instituto é absorvido pelo Governo federal.

O Barão de Pedro Afonso, atento aos progressos da Medicina e viajando com freqüência para a Europa, traria sempre novidades. Adquiriu aparelhos modernos. Procurou o concurso de especialistas, chegando a contratar o veterinário Carré. Mas a quem confiar a orientação técnica do Instituto de Soroterapia? A escolha recaiu em Oswaldo Cruz.

Estava criado o primeiro Laboratório de Pesquisa Experimental, no Brasil e na América do Sul. O Instituto Soroterápico foi inaugurado com a presença do Dr. Epitácio Pessoa, Ministro da Justiça, e Cesário Alvim, Prefeito da Capital. Era o ano de 1900.

Em 1901, Oswaldo Cruz apresenta um trabalho e lhe dá cunho impos-

soal: "A Vacinação Antipestosa" — trabalho do Instituto Soroterápico Federal do Rio de Janeiro (Instituto de Manguinhos).

Aí aparece, pela primeira vez, o nome de Manguinhos vinculado ao do Instituto, onde uma colmeia de abnegados pesquisadores, sob os auspícios intelectuais de Oswaldo Cruz, teria larga projeção pelos tempos em fora.

O nome do Instituto Soroterápico foi, aos poucos, desaparecendo, para ceder lugar ao de Manguinhos. A 9 de dezembro de 1902, demite-se o Barão de Pedro Afonso.

O Professor Nuno de Andrade, Diretor de Saúde Pública, convide Oswaldo Cruz para dirigir o Instituto.

Falar dessa antiga localidade seria recordar os obstáculos da natureza, num panorama pobre: o mato, o lodo, os mosquitos, a distância, a adversidade sem conta, mas também o esforço, a persistência, a vontade de um homem, cujo espírito criador era talhado para uma grande obra e uma grande missão. Ali, naquele pantano infecto e desolador, na fragilidade do solo, na pobreza das paragens, o gênio realizador de Oswaldo Cruz iria plantar um palácio de estilo mourisco, com rara beleza arquitetônica, para onde iriam em peregrinação ao culto da ciência — não à ciência do ódio e da destruição mas à do amor e da paz; ali iriam, como foram e vão ainda, os estudantes, os médicos, os cientistas de todos os quadrantes que, hoje como ontem, montam guarda na defesa da coletividade.

Naqueles primeiros tempos, Manguinhos daria a muitos a impressão de que a sua benemerita família iria sofrer rude golpe. Era o ano de 1903. O seu Diretor, líder daqueles corações alcandorados, andava meio ausente.

O que teria acontecido?

Na primeira Mensagem enviada ao Congresso Nacional, Rodrigues Alves ressalta:

No saneamento da Capital, se encontraria o elemento primordial para o reerguimento da vida econômica do país". E mais: deu ênfase que, para alcançar esse objetivo, não pouparia esforços.

Realmente, no que tange à Saúde Pública, era calamitosa a situação da bela metrópole, com profundas consequências em todo o país e uma repercussão negativa no exterior.

Assim narrou Coelho Neto:

"Era o Rio uma paisagem maravilhosa que o estrangeiro contemplava de longe, elevado, mas estremecido de medo, porque sabia que sob as frondes das suas ár-

vores lustrosas, na limpidez das suas águas murmurantes, no veludo verde das suas colinas, no cerúleo dos seus montes, na sua luz dourada, no seu ar balsâmico, em toda parte e em tudo, andava o fluido mortal da peste.

Era o paraíso da morte e, mal as cigarras começavam a rechinhar nos ramos, anunciando os dias deslumbrantes, o terror espalhava-se com a certeza da inevitável erupção da calamidade estiva. E o luto contrastava com o fulgor dos dias — as sombras, ao sol esplêndido, eram lugentes e constrixtavam e cada vez crescia mais a celebridade lugubre da formosa capital americana, princesa nefasta das águas verdes."

Sr. Presidente.

É que a febre amarela, a peste bubônica e a varíola, em forma epidêmica, devoravam, anualmente, milhares de pessoas. Estes tristes flagelos vinham de longe. A febre amarela atingiu Pernambuco em 1685. Em 1694, João Ferreira da Rosa divulga os primeiros estudos, entre nós, sobre a moléstia. Em 1894, ela surge na Bahia, por causa do navio americano "Brazil", que viera de Nova Orleans, com escala em Havana.

Nesse ano, em dezembro, dois navios, o "Navarra" e o "Alonso", levaram-na ao Rio de Janeiro. Houve uma longa calma. Em 1869, o navio "Creola del Plata", proveniente de Génova para o Rio, mas tendo antes escalado em Cuba, onde a doença grassava intensamente, faz recrudescer a moléstia.

No que tange à peste bubônica, irrompe no Rio de Janeiro, em 1900, proveniente de Santos, onde, em 1899, entre setembro e outubro, fez vítimas. Segundo F. Borges Vieira, o mal foi trazido pelo navio "Rel de Portugal", procedente do Porto, que lutava contra a epidemia. Mas, segundo Agote e Medina, a peste veio da Índia.

Quanto à varíola, foi assinalada no Brasil desde 1583, sempre agravada pelo tráfico de escravos. Tornou-se, pelos tempos, uma hóspede inconveniente e perigulosa.

O Barão de Lavradio relata a sua presença no Rio de Janeiro, entre os anos de 1830 e 1870, sendo, posteriormente, assinalada pela sua elevada incidência de mortalidade.

Essas três enfermidades faziam as mais terríveis devastações. Além disso, um triste acontecimento pôs em relevo tétrico o panorama sanitário do Rio de Janeiro. Vejamos:

O "Lombardia", contratorpadeiro italiano, chegou à Baía da Guanabara em outubro de 1895. Em janeiro de

1896, registravam-se na tripulação os primeiros casos de febre amarela. A 11 de fevereiro, morre o comandante. O vapor zarpa para a Ilha Grande, em cujo lazareto é recolhida a guarnição. E, no balanço fatídico que se realizou, dos 340 tripulantes, sucumbiram 234, sendo que apenas sete não foram contaminados.

Verdadeira hecatombe, que deu ao mundo a imagem negra de nossa Pátria. Por isso mesmo, as agências de viagem, lá fora, afixavam cartazes com estes dizeres: "Navegação direta para a República argentina, sem tocar nos focos de febre amarela do Brasil".

Tudo isso. E mais a descrença popular e o pessimismo.

O Governo do Presidente Campos Sales, que, graças ao médico Joaquim Murtinho, teve o cuidado de sanejar as finanças, não consegue mudar o quadro pavoroso que os flagelos impunham à coletividade. Aquele governante sai debaixo de apodos e críticas populares. O ambiente era de incertezas e expectativas.

Quando o Presidente Rodrigues Alves organizou o seu Ministério, a escolha dos auxiliares se fez atendendo a um critério seletivo rigoroso. Por isso mesmo, foi um dos maiores e melhores Governos que a Nação já teve. Dentro desse sistema, através do Ministério da Justiça, convoca o Dr. Egídio Sales Guerra, para a Diretoria Geral da Saúde Pública. Era um homem de excelsas qualidades morais, exornado, também, o seu caráter de uma modéstia digna de nota.

O eminente médico expressa os agradecimentos pelo honroso convite. Justificou não ser um especialista em higiene e saúde pública. Declinou. Aquele momento foi de grandeza: não faltou a Sales Guerra a inspiração para servir.

Percebendo o interesse na escolha de alguém capaz de realizar uma grande missão, sentiu-se no dever de lembrar um nome conhecedor daqueles problemas. E indicou Oswaldo Cruz.

O Ministro de então, J. J. Seabra, vai ao Presidente e leva o nome daquele sanitário, com as devidas recomendações.

— Mas, quem é Oswaldo Cruz? — teria perguntado o Presidente.

A 23 de março de 1903, Oswaldo Cruz foi nomeado Diretor-Geral da Saúde Pública. Tinha apenas 30 anos.

A resposta à indagação do Presidente, a Nação iria conhecer no jovem, dotado de força moral, que aceitou o desafio, naquela hora incerta.

Não quis, porém, assumir qualquer compromisso, sem diálogo prévio com o Governo. Teria mesmo dito ao Ministro: "Extermine a febre amarela em três anos."

Nesse encontro, expôs seu plano. Tudo acertado. Mas uma atitude comum nos governantes quase priva o País de tão notável colaborador. O Governo nomeara o Secretário da Diretoria. Esse funcionário era pessoa altamente credenciada. Basta dizer que conquistou uma cátedra na Faculdade de Medicina e atingiu a Academia Brasileira de Letras.

Para qualquer outro administrador seria fácil ter um auxiliar eminente e, por igual, agradar os seus superiores. Não importa. Oswaldo Cruz iria arrostar com o encargo pesado de "varrer os flagelos que envergonhavam a Nação". Queria liberdade para a escolha dos seus colaboradores e aquela designação bastou para que o grande higienista renunciasse.

O Governo, porém, sensível à posição do jovem sanitário, acolhe a ponderação.

Oswaldo Cruz tomou posse a 26 de março de 1903 e já a 1º de abril daquele ano, sob o número 225, dirige ao Ministro a exposição relativa aos serviços de saúde pública. Nesse documento ressalta: "Dentre os problemas sanitários que devem ser atacados desde já sobreleva em importância a todos os referentes à febre amarela". E noutra altura: "Devemos, pois, sem perda de tempo, instalar desde já os serviços cujos efeitos provélos se farão fatalmente sentir numa próxima época epidêmica, sendo em breve seguidos do completo desaparecimento dessa vergonha nacional".

E partiu para a luta.

Conhecia os estudos de Finley, médico cubano de origem inglesa, que, em 1881, evidenciou a hipótese da transmissão da febre amarela pelo mosquito. Esses conceitos já haviam sido observados em 1848, por Nott.

O Governo norte-americano enviou, no início do século, uma comissão a Cuba, onde grassava a epidemia de febre amarela. A referida comissão se compunha de Walter Reed, James Carroll, Jesse Lazear e Aristides Agromonte. Eles concluíram que o transmissor era realmente o mosquito denominado "Stegomyia fasciata", hoje "Aedes aegypti".

Outros estudos, em outras regiões, chegaram à mesma conclusão. E, no Brasil, dois beneméritos cientistas se deixaram inocular pelos mosquitos que picaram antes os amarelentos: os Drs. Adolpho Lutz e Emílio Ribas.

Oswaldo Cruz estava a par de todas as experiências. Não foi aventurar. Tinha consciência dos seus atos, do seu esquema, do seu programa. Mas a missão era grave, imensa, extraordinária. Patriota ilibado, caráter forte, vontade firme, adotando por lema "trabalho e justiça" e "não esmorecer para não desmerecer", tomou logo as providências, pois queria dirigir bem a repartição a ele afeta.

No terreno sanitário, havia conflito de jurisdição entre os Governos federal e municipal. Graças à boavontade do Prefeito Pereira Passos, e a pedido de Oswaldo Cruz, os serviços de higiene passam a funcionar sob a sua direção única.

Em Cuba, a luta contra a febre amarela durou mais de um século. Aqui teria de ser debelada em três ou quatro anos.

Oswaldo Cruz pede recursos e leis.

Organizou as brigadas sanitárias, os chamados "mata-mosquitos", sob o comando de Carlos Carneiro de Mendonça, que se atravam em todas as direções. Onde houvesse um pouco de água estagnada: seja numa tina, num caco de garrafa, numa tijela, uma poça, uma lagoa, em tudo isso poderia estar o mosquito ou suas larvas. Era preciso combate-los. Os doentes deveriam ser notificados e isolados. No entanto, o céu desaba. Eis o que diz Ezequiel Dias, um dos mais antigos companheiros do Mestre:

"Organizou-se, então, contra o Diretor de Saúde Pública a celeberrima campanha que, provavelmente, os contemporâneos ainda não olvidaram. A classe médica em peso, chefiada pelos maioriais do ensino (com raríssimas exceções, entre os quais o saudoso e notável Pedro de Almeida Magalhães), condenava implacavelmente a famosa doutrina. No Congresso Nacional, na alta administração, nos conciliábulos, na praça pública, por toda parte, cobriam de apodos o pretensioso saneador.

Todos os jornais leigos, todos os jornalistas (menos Medeiros de Albuquerque e Agenor de Roure, também, que tinham a clarividência e a impavidez de defendê-lo), todos surziam sem cerimônia. O artigo de fundo, inspirado ou não por comparsas profissionais, azorragava-o diariamente de rijo.

Das diferentes armas, contudo, arremessadas contra o responsável-mor pela infame matança dos mosquitos, havia uma, que era a preferida; era o ridículo, o ridículo em todas as modalidades; era o epígrama acerbo, era o

mordaz remoque; a chacota insísa, ou a chufa de recoveiro; a maliciosa caricatura; a ironia sutil, tendenciosa; e até grosseiras, e a própria calúnia infanda. Tudo serviu.

Poetas e poetas prestavam ótimos serviços à causa difamadora. Versos picantes não rareavam nas colunas humorísticas dos periódicos."

A luta vai em meio. Fria preciso enfrentar os "perpétuos indiferentes, os perpétuos queixosos" além da mal-dade, da inveja, os inimigos do Governo os agitadores crônicos e os velhacos que nunca faltaram nesses momentos. Os detratores se avolumam sempre com zombarias críticas caricaturas, campanhas até de ridículo.

Um jornal de projeção afirmou: .. "é lícito a cada cidadão ter moléstias epidêmicas e transmiti-las a quem julgar conveniente".

Até médicos conceituados se rebelaram contra Oswaldo Cruz, negando que o mosquito fosse o intermediário entre o doente e o sábio. Afirmavam que três anos para o combate à febre amarela era muito. Sempre agressões e insultos. Até pedras atiram à residência do grande apóstolo.

Ele não teme. Não recua. Não cede. Está convicto da sua orientação. Acredita no êxito. E quando o clamor geral cresce e ameaça a estabilidade da ordem pública e a segurança do Governo, Rodrigues Alves chama Oswaldo Cruz e pondera-lhe o abrandamento nos métodos, sem prejuízo dos objetivos principais. O jovem Diretor ouve com atenção. Teria que optar, ceder nas suas convicções para atender à ponderação do Chefe do Governo ou exonerar-se. Pediu demissão. Não foi aceita.

Citam os biógrafos que Rodrigues Alves, já ausente Oswaldo Cruz, teria dito: "É impossível que este moço não esteja certo".

Novas lutas. Outras reações. Protestos. Ameaças.

Agora Oswaldo Cruz ataca em triplice direção: a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Dizem as crônicas que o mais famoso médico da época, Francisco de Castro, no exercício da Medicina, fora atacado pela peste bubônica, e em consequência de um choque anafilático, veio a falecer. E sabendo-se que a peste vem dos roedores, através das pulgas, determina a caça aos ratos.

E, para o combate à varíola, solicita a lei da vacina obrigatória. A agitação recrudesceu. Chamam o novo Regulamento de "Código de Torturas".

A Escola Militar, na Praia Vermelha, se levantou sob o comando do Gen. Silvestre Travassos. A rebelião é jugulada sob as ordens do Gen. Hermes da Fonseca. As arruaças prosseguem; os lampeões são arrancados. E a revolta do "quebra lampeão". Aconselham ao Presidente deixar o Palácio e procurar lugar mais seguro. Ele retruca com esta frase que passou à História:

— "O meu lugar é aqui."

A 8 de março de 1907, Oswaldo Cruz, em seu relatório, anunciava o fim da epidemia, ressaltando a firmeza e a vontade ferrea do Governo de Rodrigues Alves. Cumpriu a promessa. A febre amarela estava debelada. A peste bubônica praticamente extinta. A confiança reapareceu. Estava vitorioso o jovem cientista, encanecido no trabalho, no estudo, na pesquisa no esforço, na resignação, na bondade, na justiça, no estoicismo, por uma causa em favor do bem comum.

Dir-se-ia que se dava a nova abertura dos portos. As esquadras americana, francesa e inglesa já poderiam tocar, como tocaram, os portos brasileiros, sem perigo para as tripulações.

Oswaldo Cruz venceu e com ele o povo; venceu o Governo, cuja imagem, com isso e por isso, tanto se alonga na História: venceu o Brasil, atingido por aquela mácula, da qual se libertou, para seguir sua trajetória e realizar a sua missão de paz nas Américas e no mundo.

É de ressaltar que ele comparecia em Manguinhos, até nos momentos mais tormentosos das campanhas e ali realizava pesquisas e experiências que tanto enriqueceram a literatura Médica, dividindo o tempo entre o Instituto, pela manhã e, à tarde, na Saúde Pública.

Eis alguns dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz que tanto se destacaram nas diversas especialidades: Adolpho Lutz, na Zoologia; Rocha Lima, na Microbiologia; Arthur Neiva, na Zoologia e fundou o Instituto Biológico em São Paulo; Cardoso Fontes, Henrique Figueiredo Vasconcelos, Gomes de Faria, na Bacteriologia, tendo o primeiro assinalado o ultra vírus da tuberculose; Miguel Osório de Almeida e Thales Martins, na Fisiologia; José Carneiro Filipe, na Química; Costa Lima na Entomologia; Gomes de Faria e Lauro Travassos, na Helmintologia; Costa Cruz, na Imunologia; Gaspar Viana, cura da leishmaniose; Carlos Chagas, descoberta da "Trypanosomiasis americana"; Carlos Bastos Magarino Torres, na aPtologia, Henrique Beaupre de Aragão, na Protozoologia; Alcides Godoy, descobridor da vacina contra a peste da manqueira.

Oswaldo Cruz convocou, também, sábios estrangeiros de renome, como Glensa, Prowazek, Hartmann, Duerk e outros.

Terminada a batalha contra as epidemias, irromperam manifestações de apreço de toda parte.

"Toda a glória e todo o mérito cabem ao Dr. Oswaldo Cruz, que teve a coragem de suas convicções e que de agora em diante deve ser considerado o salvador de sua cidade", disse James Carroll.

E também Charles Richet, Prêmio Nobel de Medicina e uma das maiores autoridades de sua época:

"Sobretudo um homem, talvez o primeiro higienista do mundo, libertou o Rio de Janeiro da febre."

No ano glorioso de 1907, Oswaldo Cruz comparece ao 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim. Leva o relatório das suas campanhas na Saúde Pública. Focaliza os trabalhos notáveis feitos em Manguinhos. E qual foi o resultado? Entre 123 expositores, arrebata o primeiro prêmio, recebendo medalha de ouro concedida pela Imperatriz da Alemanha. Era o julgamento universal. Não havia dúvida: Oswaldo Cruz, antes vilipendiado, agredido, coberto de apodos e baldões, agora, diante da mais luminosa constelação de cientistas de tantos países, era considerado como o primeiro higienista do mundo.

Pelo Decreto nº 6.891, de 19 de março de 1908, o Presidente Afonso Pena denomina de "Instituto Oswaldo Cruz" o então Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos.

Muitos fatos começaram a impregnar de alegria e orgulho o coração de Oswaldo Cruz. Vale recordar. A faina de Manguinhos nunca arrefeceu. Sempre o esforço e a dedicação do chefe e dos seus auxiliares, porque não dizê-lo, os discípulos, muitos dos quais partiram para a Cátedra ou para outras missões nacionais ou estrangeiras, levando, em todas as direções, a mensagem da inteligência e da cultura deste povo.

A arca engastada no alto da colina de Manguinhos; irradiava luz para o Brasil e para o mundo.

Certa vez, em 1909, Carlos Chagas, de saudosa memória em Lassance, no interior de Minas, descobre uma nova entidade patológica, onde todos os aspectos foram estudados, desde a etiologia até os meios de combater o HOSPEDEIRO intermediário, que é o inseto de vida noturna, denominado Barbeiro.

A enfermidade foi batizada com o nome do seu autor: Doença de Chagas.

Oswaldo Cruz exultando de contentamento escreve a Sales Guerra:

"O Chagas acaba de fazer uma estrondosa descoberta."

Este cometimento confere ao cientista brasileiro uma das mais importantes condecorações do mundo científico: o Prêmio Schaudinn.

Assim era Manguinhos. Assim continua a ser Manguinhos.

De toda parte surgiram as atenções e os gestos de carinho e apreço provenientes de respeitáveis personalidades daqui e do exterior. Vejamos esta: Colhi nos apontamentos da Biblioteca daquele Instituto esta página, de sublime delicadeza, da própria lavra de Oswaldo Cruz:

"A 17 de maio de 1909, Anatole France, vizitou o Rio de Janeiro. Quando entrava no Sologeu Brasileiro, a fim de assistir à sessão, que em sua homenagem lhe fazia a Academia de Letras, fui-lhe apresentado por José Veríssimo. Já lhe haviam falado na parte que tive na extinção da febre amarela. Saudou-me com um afetuoso aperto de mão e disse-me as seguintes palavras, que aqui consigno como uma gratíssima recordação, no frontespício do livro que considero sua obra prima.

— Vous avez tué, l'Hydre! Vous êtes un bienfaiteur de l'humanité. Oui, c'est ainsi que c'est formée la légende d'Hercule".

Não ficariam aí os pronunciamentos sobre o notável sanitário, a quem o Presidente Theodore Roosevelt cognominou "o homem da raça de Pasteur".

A sua grande atividade se desenvolve num período de três lustros.

Por esse tempo, apesar de atacado por insidiosa moléstia, que num prazo curto iria prostrá-lo, não se deixou vencer. Mesmo enfermo, chefia várias delegações a diversos países. Conquista novos louros para sua Pátria. Internamente faz diversas viagens. Leva em sua companhia, ao Madeira-Mamoré, Belisário Pena, seu dedicado amigo e companheiro. Combate o impaludismo na Região Amazônica. Debela a febre amarela em Belém. Organiza um plano de saneamento dos portos.

O criador de Manguinhos, tão cedo roubado ao Brasil, desaparecendo com quarenta e quatro anos, apenas, deixa exemplos edificantes para todas as gerações.

Sr. Presidente, o Senado da República se reúne em sessão especial para reverenciar a memória de Oswaldo Cruz, comemorando o 1º Centenário

do seu nascimento. Manifestações de apreço, por diversas vezes, foram evidenciadas, em várias oportunidades, nas Casas do Congresso Nacional, nas Faculdades médicas, nas instituições científicas, nos centros de cultura, nos encontros, nos conclaves, nos hospitais, aqui e no exterior.

Quando, em 1917, chegou ao Rio de Janeiro a delegação médica argentina, composta de eminentes cientistas daquele país, dentre eles Gregório de Araoz Alíaro, José Arce, Elizeu Canton, João A. Gabastrou, David Speroni, para a entrega de uma placa em homenagem a Oswaldo Cruz, o orador da delegação, no seu memorável discurso, disse estas palavras:

Conheci-o pobre como Jesus Cristo e já era grande como um Deus."

A Academia Brasileira de Letras, a 26 de junho de 1913, após insistentes e calorosos apelos, acolhe Oswaldo Cruz em seu seio. Foi, então, que Afrâncio Peixoto, médico e escritor, que tanto ornamentou a Casa de Machado de Assis, na formosa oração com que recebeu Oswaldo Cruz, pronunciou, entre outras, estas palavras:

"A Academia Brasileira de Letras, que pretende ser o índice abreviado da Cultura nacional, faltaria à sua nobre ambição, se não vos cobiçasse. E se vos tem hoje, não deveis por isso gratidão; não o estranhára a ninguém: é porque tinheis aqui, desde muito, um lugar obrigado."

Sr. Presidente, nesta reunião histórica, poderíamos dizer, por igual, que faltariam aos nobres designios da Casa, se o Senado do Brasil, desse Brasil que foi um "vasto hospital", desse Brasil antes marcado por tantos flagelos, avultando a febre amarela, a peste bubônica e a variola, com seu cortejo de NEFASTAS consequências, infringindo o medo e o terror aos estrangeiros, desse Brasil que foi salvo por Oswaldo Cruz, e como preconizava Rodrigues Alves, "no saneamento estava o elemento primordial para o reerguimento de sua vida econômica", desse Brasil que hoje celebra o epônimo de suas lutas e suas vitórias, como Volta Redonda, a Hidroelétrica do São Francisco, a Belém—Brasília, a PETROBRÁS, a Transamazônica, com a onda de entusiasmo e fé no desenvolvimento e no futuro promissor desta Nação; faltariam aos nobres designios dessa Casa, se o Senado, repito, não se transformasse hoje num templo cívico, para este ato de elevado sentimento de gratidão.

Aqui estão os representantes do povo, de todos os Estados. Aqui está, por consequência, o Brasil, em culto solene pelos grandes feitos de um ho-

mem em quem não sabemos o que mais admirar, se o seu talento, a sua cultura, a sua intuição, o trabalho, a paciência, o método, a disciplina que se impôs, a tenacidade, o amor às grandes causas, ou a devoção religiosa à Ciência, o ideal de servir, inspirado no sacrifício, no altruismo e na abnegação.

A participação do Senado, hoje, na história de Oswaldo Cruz, não é um cântico de saudade, mas a tomada de posição de um povo, pelos seus representantes, de um povo que se afirma, e luta, e cresce, diante das grandes batalhas do presente e do futuro, na arrancada para o progresso. Por isso, invocar Oswaldo Cruz é repelir a descrença, a pressa, o desânimo, o desespero dos que não lutam e nada fazem, mas zombam, insultam, desestimulam, desanimam, agridem, agravam, destróem.

É, portanto, uma definição de confiança e de fé naqueles que desejam uma Pátria grande, forte e feliz, integrada no trabalho, na virtude, no idealismo e na confraternização. Esta sessão é bem um culto de brasiliadade, porque Oswaldo Cruz nos faz acreditar no homem brasileiro, sempre dotado de uma fortaleza capaz de realizar milagres, evidenciada sobremodo nas horas difíceis e em face das calamidades públicas.

Moço, ainda, a Nação lhe impôs deveres e missões espinhosos e cruéis, que soube vencer galhardamente, para que nós, em todos os tempos, pudéssemos manter um crédito de confiança na mocidade, cujos sentimentos e ideais mais puros não de ser as nossas melhores esperanças.

A sua mensagem aos filhos é um belo roteiro aos lares, principalmente aos jovens nestes tempos difíceis em que a insânia se espalha e se agiganta:

"A meus filhos peço que se não afastem do caminho da honra, do trabalho e do dever, e que empunhem como fanal e elevem bem alto o nome puro, honrado e imaculado que herdei, como o melhor patrimônio da família e que a eles lego como o maior bem que posso."

Em verdade, ele faz acreditar no homem desta terra, pelos seus elevados padrões morais.

Sempre acreditou em nossa gente: "cada vez que venho da Europa mais me convenço das qualidades extraordinárias dos brasileiros". É a fala daquelle que Deus aureolou com a sublimidade dos santos.

Sr. Presidente, esta é, portanto, uma hora de afirmação, na qual, ainda uma vez, me permito invocar

aquele brasileiro, a mais alta expressão de cultor das letras, de jurista e orador, que jamais o Brasil produziu, Ruy Barbosa, cujo depoimento fala bem alto e com a maior autoridade nesta Casa que ele tanto dignificou:

"Osvaldo Cruz foi superior ao seu tempo e ao seu País, e desse inexperiente resultou a mais completa, a mais extraordinária, a mais criadora, a mais exemplar das administrações a que o Brasil tem assistido."

(Muito bem! Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. BENJAMIN FARAH EM SEU DISCURSO:

Trabalhos do Sanitarista

Oswaldo Cruz

1891

Um caso de bôcio exoftálmico em indivíduo do sexo masculino. *Brasil-Méd.*, 5 (33):265-6.

1892

Um micrório das águas putrefatas encontrado nas águas de abastecimento de nossa cidade. *Brasil Méd.*, 8 (28):222.

1893

O bacilo de Koch. Análise da tese do Dr. José Roxo. *An. Med. Bras.*, do Dr. Carlos Costa. 7:32-38, (1892).

1893

Um nouvel appareil pour la recolte des eaux, à différentes profondeurs pour l'analyse des microbes. Rio de Janeiro, Typ. G. Leuzinger & Filhos. 12 p.

1893

A veiculação microbiana pelas águas. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1892. 152 p.

1894

O ácido pírico como reativo da albumina. *Brasil-Méd.*, 6 (21):161-2.

1894

Causas e meios de preservação do cólera. Por Ignarus (pseudônimo). Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, editores. 27 p.

1894

As condições higiênicas e o estado sanitário da Gávea. *Brasil-Méd.*, 8 (27):209-12.

1894

Contribuição para o estudo da microbiologia tropical. Contaminação dos meios de cultura pelas mucorineas. *Brasil-Méd.*, 8 (37):292-3

9

1894

Os esgotos da Gávea. *Brasil-Méd.*, 8 (46):361-4.

10

1897

Delitti negli animali. *Arch. Psich. Sci. Penali Antropol. de Lembrose*, 18 (2/3):301.

11

1898

Ein einfacher Waschapparat für mikroskopische Zurcke. *Zeits. Wiss Mikrosk. Technik*, 15:29-30

12

1898

Étude toxicologique de la ricini. *Ann. Hyg. Publ. Med. Leg.*, 2:344-59.

13

1898

Études sur la recherche de l'empoisonnement par le gaz d'éclairage. *Ann. Hyg. Publ. Med. Leg.*, 1:385-94.

14

1898

La recherche du sperme par la réaction de Florence. *Ann. Hyg. Publ. Med. Leg.*, 1:158-64.

15

1898

Uma visita à seção de preparo dos soros do Instituto Pasteur de Paris. *Brasil-Méd.*, 12 (30):265-7; 12 (31):274-6; 12 (32):281-4.

16

1899

Les altérations histologiques dans l'empoisonnement par la ricine. *Arch. Med. Exp.*, 11 (3):238-252.

17

1899

Relatório acerca da moléstia reinante em Santos (em 1899) apresentado a S. Ex.^a o Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1900, 30 p.

18

1900

Contribuição para o estudo da curva leucocitária nas infecções e intoxicações. *Brasil-Méd.*, 14 (10): 81-3.

19

1900

Do valor do diagnóstico microscópico da peste. Trabalho apresentado no 4º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado no Rio de Janeiro, de 17 a 30 de junho de 1900.

Cong. Bras. Med. Cir., 4º, Rio de Janeiro, v. 2:151-4, 1902.

20

1901

Contribuição para o estudo dos culicídos do Rio de Janeiro. *Brasil-Méd.*, 15 (43):423-6.

21

1901

A vacinação antipestosa. Trabalho do Instituto Soroterápico Federal do Rio de Janeiro (Instituto de Manguinhos). Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères. 44 p.

Idem — *Brasil-Méd.*, 15 (45):443-7; 15 (47):463-6; 15 (48):473-7.

22

1902

Dos acidentes em soroterapia. Trabalho do Instituto Soroterápico Federal do Rio de Janeiro. (Instituto de Manguinhos) Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères. 65 p.

23

1902

Um novo gênero da subfamília "Anofelina". *Brasil-Méd.*, 20 (20):199-200.

24

1906

Peste. *Brasil-Méd.*, 20 (9):85-90; 20 (10):95-8.

25

1907

Um novo gênero brasileiro da subfamília "Anophelinae". Trabalho do Instituto de Manguinhos. Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères. 10 p.

Idem — *Brasil-Méd.*, 21 (28):271-3.

26

1907

Uma nova espécie do gênero *Psorophora*. Trabalho do Instituto de Manguinhos. Rio de Janeiro, Tip. Besnard Frères, 10 p.

Idem — *Brasil-Méd.*, 21 (34):329-30.

27

1907

Resumo da memória apresentada pelo Delegado do Brasil à 3ª Convenção Sanitária Internacional, reunida na cidade do México de 2 a 7 de dezembro de 1907/s.n.t. 15 p.

28

1909

Profilaxia da febre amarela. Memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino-Americano. Rio de Janeiro, Tip. Jornal do Comércio, 16 p.

29

1909

The sanitation of Rio. *The Times* (dec., 28) p. 61.

30

1910

Madeira-Mamoré Railway Company. Considerações gerais sobre as condições sanitárias do Rio Madeira. Rio de Janeiro. Pap. Americana, 61 p.

31

1911

The prophylaxis of malaria in central and southern Brazil. In ROSS, RONALD — The prevention of malaria. London, John Murray. p. 390-398, 1 graf.

32

1913

Discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras (26 de junho de 1913). Rio de Janeiro, Tip. Rohe, 23 p.

33

1913

Relatório sobre as condições médico-sanitárias do Vale do Amazonas. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 56 p.

34

1913

Uma questão de higiene social (lepra). O Imparcial, Rio de Janeiro, n.º 211, 3-X-1913.

35

1915

Algumas moléstias produzidas por protozoários. Brasil-Med., 29 (44): 345-6; 29 (45): 353-6.

36

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Concedo a palavra ao nobre Senador Waldemar Alcântara.

O SR. WALDEMAR ALCANTARA — (Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente. Srs. Senadores, Sr. Ministro da Saúde Dr. Mário Machado de Lemos, demais autoridades, Srs. Deputados, Sr. Dr. Oswaldo Cruz Filho e Exma. Sra., meus Senhores, Exmas. Senhoras.

"A Saúde Pública é uma das primeiras garantias dos povos, é uma das primeiras leis dos Estados e um dos primeiros deveres dos Governos em todas as nações. Segurança, propriedade e liberdade são os três direitos naturais e individuais do cidadão; mas eles supõem primeiro a sua existência e conservação e, para existirem e conservarem-se, é necessário manter-se a Saúde Pública... e, por conseguinte, prévio a todas as garantias, a primeira garantia, a conservação individual; prévio a todos os deveres dos Governos, o seu primeiro dever, a Saúde Pública". Conselho de Saúde Pública, Lisboa, 1836.

I — Panorama Sócio-Econômico do Rio de Janeiro

Conta-se... isso foi no fim do século passado e avorecer do atual:

"O Rio de Janeiro", segundo Luis Edmundo, "ainda é um triste e miserável agrupamento de telhados mais ou menos pombalinos, feio, sujo, torto, dessorando os vícios e preconceitos da velha cidade de Mem de Sá. É verdade que ainda existe a paisagem, que é linda, cenário cheio de magnificência e grandeza, mas, quando o homem deixa o pitoresco do mar, a docura da montanha, o encantamento da floresta e ingressa à capital mercenária, revive fatalmente a era do atraso em que jazemos por muito mais de três séculos e da qual, com mais de setenta anos de emancipação política, não conseguimos, ainda, completamente, libertar-nos".

E, noutro passo, continua o brilhante memorialista: "É rica a cidade. Sobre isso não há a menor dúvida, riquíssima. Os seus nabobos, porém, moram em desmoronantes baiúcas, sem a menor sombra de higiene e conforto, eternamente desconfiados e mal-dizentes do progresso. Não temos uma só rua digna de mostrar ao estrangeiro, um edifício notável, um grande hotel, um bom teatro... O turista, que vem à América do Sul, muitas vezes, aqui, nem baixa à terra bárbara, do navio em que viaja, contentando-se com vé-la de longe, no quadro magistral da natureza, que não se pôde estragar, porque, além de feia e desinteressante, a cidade é um perigo, foco das mais tremendas moléstias infecciosas, a febre amarela, a peste bubônica, a varíola... Os obituários alongam-se sinistramente pelas colunas dos jornais, cruzam pelas ruas férretros e homens cobertos de luto, sendo que prosperam particularmente os caixões mortuários, os lojistas de grinaldas e coroas, os médicos, os farmacêuticos e os padres".

II — Complexo Endemo-Epidêmico

É da época o triste episódio do contratorpedeiro Lombardia, da marinha real italiana, arribado ao Rio de Janeiro em outubro de 1895, permanecendo a oitocentos metros do litoral e nem por isso a salvo da dolorosa tragédia que dizimaria a sua tripulação. Rui Barbosa assim a descreve:

"Dois meses mais tarde, em janeiro do ano subsequente, adoece de febre amarela um dos seus tripulantes, daí a dias outro, no seguinte mais três, posteriormente

quinze. Aos 11 de fevereiro enferma em Petrópolis o comandante expirando cinco dias depois, e o navio contaminado, levantando ferro deste ancoradouro, faz-se na volta da Ilha Grande, onde poja em terra toda a gente a bordo, que se recolhe ao Lazareto.

Mas o toque da infecção, que está com eles, não os poupa. Os golpes vão-se amiudando, cada vez mais numerosos, de modo que, aos 16 de março, os doentes são já duzentos e quarenta, e, destes, cento e trinta e quatro mortos.

Na deserta nave apenas estão de guarda vinte homens, no começo incólumes, revezando-se o custo no serviço. Mas já em 24 de fevereiro só há onze indenes, dos quais cinco, inclusive o médico, vêm a perder a vida. Tremenda hecatombe, em que, de uma guarnição de trezentas e quarenta pessoas, mal se salvam cento e seis e destas, apenas sete evitam o contágio homicida."

Nos domínios da epidemiologia, o fato não era inédito. No Brasil, ou fora dele, na antiguidade ou na ida de contemporânea, no Oriente como no Ocidente, a história registra epidemias mortíferas que mais vitimizaram que as próprias guerras. As moléstias alastravam-se, favorecidas pela incredulidade, não raro pela inépcia dos médicos que ridicularizavam os procedimentos corretos e subestimavam os presságios sinistros,

Com períodos de calma, alterando-se a breves espaços com graves surtos epidêmicos, a febre amarela, irrompia entre nós desde 1849, nunca mais deixaria de ceifar vidas preciosas, incidindo preferencialmente sobre o estrangeiro incauto e conferia ao Brasil o desabonador título de "país da febre amarela" ou "mata-douro da raça branca". É do nosso próprio cônsul no Uruguai a famosa frase: "Se decia que ir a Rio de Janeiro era suicidarse".

De fato, na época, das epidemias, a que mais de rijo nos castigava era a febre amarela, mal desapiedado e bravio, que de preferência ceifava a vida dos pobres estrangeiros que aqui desembarcavam em busca de fortuna ou de trabalho. Levas inteiras de imigrantes desapareciam, em bloco, tragedadas pela peste, apenas punham os pés nas lajes do Cais Pharcoux. Havia tréguas, por vezes. Havia. Quando, porém, o vendaval da morte desencadeava, impossível tornava-se sustá-lo ou reprimi-lo.

Ao Brasil chegara o mal, vindo de São Tomé, no ano de 1685, mas por longo período permaneceu praticamente desconhecido. Em 1850, porém, a epidemia dança macabramente e

extingue vidas num surto surpreendente e sem igual. Terríveis são, ainda, os surtos de 1863, de 1888, de 1895, 1901 e 1902".

O panorama sanitário da capital da República não era diferente do observado nos demais centros urbanos do País. No Recife, na Bahia, principalmente, as disenterias, a varíola, a peste bubônica faziam aparições não menos graves. Esta última irrompia em Santos e reclamava urgentes providências das autoridades sanitárias. Corria o ano de 1892.

III — Reação Internacional

No Governo de Campos Sales, já a reação internacional começara a manifestar-se e o aplaudido ato do Visconde de Cairu tendia a perder a significação, pois, segundo Rui Barbosa,

"não basta estabelecer por decreto imperatório a abertura dos portos de uma nação; se nas suas entradas marítimas uma calamidade exterminadora aguarda o forasteiro, para o sobressaltar, e carneá-lo, não são portos o que ali se lhe depara mas emboscadas e matadouros".

Logo a República argentina pleiteava um convênio sanitário com o Governo brasileiro, de modo a resguardar-se e proteger-se contra as infecções aqui endemico-epidêmicas. A patriótica indignação suscitada na imensa, os protestos oficiais e os desmentidos médicos não podiam ocultar a verdade. "O mundo vê no Brasil um país de febre amarela". As agências de viagens internacionais anunciam "navegação direta para a República Argentina sem tocar nos focos de febre amarela do Brasil".

IV — Governo Rodrigues Alves

Estamos em 1902. Inaugura-se a Presidência Rodrigues Alves, "um enamorado das belezas naturais da cidade" — o Rio de Janeiro. E decide o preclaro Presidente "tomar medidas sérias, providências capazes, senão de transformar o povoadão, por completo, pelo menos de melhorá-lo bastante". E com a sua extraordinária visão de estadista "cuidou, em primeiro lugar da saúde do povo", fiel de certo às sábias recomendações do Conselho de Saúde Pública de Lisboa, ou atento ao que por mais de uma vez sustentara Disraeli: "o primeiro dever do Estado, depois da manutenção da ordem e do resguardo da integridade da Pátria, é cuidar da saúde da população".

Autoriza, então, o seu Ministro do Interior, Dr. J. J. Seabra, a convidar o Dr. Sales Guerra para cuidar do saneamento da cidade. Nome dos mais respeitáveis da medicina da época, conchedor das práticas sanitárias exercitadas com êxito, pouco antes, em Havana, pela Missão Walter Reed

e James Carroll e bem assim informado dos trabalhos realizados pelo Dr. Ribas, em São Paulo, acompanhava com vivo interesse a aplicação prática das teorias sustentadas por Finlay a respeito da transmissibilidade da doença por um mosquito. Declinando do convite que lhe transmitira o Ministro Seabra, declarou Sales Guerra: "Não aceito o lugar mas dou homem por mim. É competentíssimo, embora moço; alguém que se dispõe a resolver, de pronto, o magnifico problema da febre amarela, que até hoje tanto tem preocupado a administração do País".

— Chama-se esse homem?... perguntou o Ministro Seabra.

— Oswaldo Cruz, respondeu-lhe Sales Guerra.

Inteirado Seabra das qualidades excepcionais já reveladas por Oswaldo Cruz, leva-lhe o nome ao Presidente e este, por sua vez, indaga: "Mas quem é este Oswaldo Cruz?" E, afinal, esclarecido o Presidente, é Oswaldo nomeado Diretor da Repartição Geral de Saúde Pública.

A propósito deste fato, comenta Rui Barbosa que não é de admirar "que os nossos homens de ciência nem sempre sejam conhecidos aos nossos homens de Estado. "Quem é Cuvier?" contam haver perguntado Luís Felipe, quando lhe deram notícia da morte do célebre naturalista, cujo gênio criara a anatomia comparada e a paleontologia. "Monsieur Cuvier", respondeu o cortesão de Sua Majestade, "creio que é um desses senhores empregados no jardim das plantas". Napoleão III dizem que também perguntou quem era Claude Bernard, quando um professor alemão lhe solicitava a honra de ser apresentado ao grande médico francês. "Claude Bernard?" Quem é Claude Bernard?" "É", responderam-lhe, "é o sábio mais eminentíssimo nos domínios de Vossa Majestade".

V — Quem é Oswaldo Cruz

Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Quem é Oswaldo Cruz? Deu-me a mim o ilustre Presidente da Comissão de Saúde desta Casa a grata incumbência de dizer-lhes, neste dia, 5-8-72, em que toda a Nação, agradecida, reverencia-lhe a memória e rememora os feitos gloriosos que exaltam e enobrecem a sua personalidade.

Nascido de pai médico, a 5 de agosto de 1872, na modesta cidade de São Luis do Paraitinga, no interior do Estado de São Paulo, o signo da predestinação começara a marcar-lhe a individualidade. Seu progenitor, que se iniciara na profissão, no Rio de Janeiro, resolvera, a conselho de um colega, "tentar a clínica no interior", elegendo a pequena cidade paulistana

para a sua aventura. Bem sucedido, o Dr. Bento Gonçalves da Cruz ali demorou-se por cerca de cinco anos, tempo suficiente para conseguir fama e formar conceito. No exercício da profissão, fci ao mesmo tempo o clínico geral, o conselheiro familiar, o oráculo que todos ouviam nas suas desventuras, nas suas aflições e padecimentos. Não desconheceu as vicissitudes, os desconfortos, as dificuldades e sacrifícios que, entretanto, não lhe abateram o ânimo e nem lhe inocularam a descrença. Era um forte. A sua tempera, e o seu caráter, e a sua firmeza, e a sua bondade, iriam refletir-se na personalidade do primogênito, assim formado no convívio de um lar ao mesmo tempo feliz e atribulado pelas desventuras alheias que só no conselho e na palavra do pobre médico aldeão encontravam lenitivo para as suas dores.

A imperiosa necessidade de educar os filhos — Oswaldo e Eugênia — fez-o voltar ao Rio, onde continuaria suas atividades profissionais, ao mesmo tempo em que, com o desvelo de pai e a angúcia de médico clínico, acompanhava os primeiros passos do menino Oswaldo, de apenas cinco anos de existência, e nenhuma manifestação de genialidade. Sua infância transcorria tranquila e normal, assistida, com vigilância e carinho pelos pais extremosos, nos estudos, no trato com os irmãozinhos e outras crianças e, sobretudo, na disciplina mental e moral — núcleos do caráter firme e forte que logo mais despontaria no cientista abnegado e lutador intromitido. Seus estudos de nível médio igualmente transcorreram sem evidências de excepcionalidade, registrando-se até mesmo, segundo ele próprio o díz, uma reprovação em Latim, no Colégio Pedro II. Aos 14 anos, ingressa na Faculdade de Medicina. Movido pelo exemplo paterno ou atraído pela ressonância das idéias de Pasteur que então começavam a se difundir no Brasil? Não nasceria Oswaldo Cruz, por feliz coincidência, precisamente "ao alcance da era de Pasteur, quando, no oriente do pensamento humano, sobre as alturas luminosas da França, assomava esse astro de imensurável grandeza, cujo signo ainda não cessou nem cessará de presidir os destinos da Medicina...? Não foi sob Pasteur, "pela sua iniciativa, ou debaixo da sua influência, que se acharam as leis da observação experimental adaptadas à ciência das lesões da vida orgânica, seu caráter, sua origem, seus remédios...?" Nada mais sedutor ao espírito privilegiado do futuro pesquisador-médico. Como estudante de Medicina — refere Gastão Pereira da Silva — foi sempre um "retraído, não tomava parte saliente naquelas célebres passeatas de crítica e de trotes" nos "enterros" dos políticos ou dos

professores que reprovavam, naquelas "farras", enfim, que faziam o encantamento, a alegria, a nota viva de uma mocidade que passou...".

"Dir-se-ia que já, então, prevendo o fim prematuro, tinha pressa em viver."

Na sua vida escolar, há que assinalar o pendor manifestado desde os primeiros anos para as atividades de pesquisas e análises biológicas. Tal inclinação valeu-lhe um inesperado convite do seu mestre, Professor Martins Teixeira, para "ajudante de preparador" no laboratório de Bacteriologia da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina, posto em que se manteve até a criação do Instituto de Higiene da Saúde Pública, no qual veio a ocupar o lugar de auxiliar de laboratório.

Ao se diplomar, com 20 anos de idade, laureou-se doutor, defendendo a tese inaugural sobre "A veiculação microbiana pelas águas". Estava assim definida a vocação de Oswaldo Cruz. Ele mesmo o confessava: "De fato, desde a primeira série do nosso curso, começamos a ler e a manusear livros de microscopia, procuramos exercitar-nos no manejo do microscópio, na técnica das preparações etc..."

"Já naquela época remota, volitava o seu destino no rumo da saúde pública", escreve Sales Guerra, seu grande amigo e seu maior biógrafo.

No ano mesmo da sua formatura, morria-lhe o pai, legando ao filho, pelos sentimentos, as tarefas sanitárias que não pudera levar a termo: "ai ficam os nossos filhos, entre tantos rebentos em que vamos reviver, garantias seguras da nossa imortalidade".

Oswaldo Cruz tinha verdadeira veneração pelo pai, cuja memória cultuava com profundo respeito. Tanto que, apenas diplomado, procurava substituí-lo no consultório, assinando as prescrições médicas e vários outros papéis com o nome de Gonçalves Cruz. Ao lado de uma clínica, que não o entusiasmava, montou um precário laboratório de pesquisas com que lhe presenteara seu sogro, Comendador Manoel José Fonseca, e no qual atendia as requisições que lhe eram feitas, especialmente pelo Dr. Sales Guerra, então clínico renomado no Rio. Agora, casado, 1893, com D.^a Emilia da Fonseca, desdobrava-se na dupla responsabilidade de família, que assumira.

Aos seus antigos mestres da Faculdade de Medicina, Martins Teixeira, Rocha Faria e Francisco de Castro entre outros, não passara despercebido o talento, já revelado pelo discípulo querido, retraído, responsável,

assíduo e pontual no Laboratório de Patologia Geral ou na Polyclínica onde realizava exames sumários para confirmação diagnóstica. Falando pouco, Oswaldo limitava-se mais a ouvir do que falar. Meditava, pensava, amadurecia nos seus planos e quando instado a se pronunciar, retrucava, sorrindo: "já me arrependi de ter falado, nunca de ter ficado calado". As suas qualidades aprimoravam-se: "Modéstia, integridade de caráter, espírito de justiça, delicados sentimentos de gratidão por insignificantes serviços que se lhe prestassem; índole bondosa e prestadia, justa medida nos atos e nas palavras, horror ao exibicionismo — raro conjunto de virtudes que me atraíam e suscitavam a minha silenciosa convicção", — é o que dele afirma o Dr. Sales Guerra.

VI — O Instituto Pasteur

A conselho de seus mestres e amigos, por insistência especialmente do grande Francisco de Castro, resolveu Oswaldo Cruz buscar outros centros para aperfeiçoar seus estudos de Higiene e Saúde Pública, em cujo trato já revelara gosto e pendor especiais. O Instituto Pasteur, em Paris, era a sua meta, embora para a França levasse também a decisão de especializar-se em Urologia. De Paris, recém-chegado, logo escrevia: "Já comecei os estudos; estou freqüentando o serviço do Professor Guyon. Freqüento também o curso de Higiene e preparamo-me para estudar a minha ingrata quanto adorada bacteriologia..."

Haviam-lhe dito repetidamente que "laboratório e bacteriologia não rendem para a manutenção da família; convém juntar a essas disciplinas qualqual especialidade médica".

O conselho utilitário não havia de prevalecer no seu privilegiado espírito. A sua vocação estava firmada. O Instituto Pasteur era o seu grande sonho. Só ali realizar-se-ia o cientista nascente. "Era o primeiro brasileiro que transpunha as portas daquela Casa em cujo interior encontrava-se um busto de Pedro II, prova de reconhecimento às benemerências do monarca àquela instituição. Logo se aproximava de Emilio Roux, Diretor do Instituto, de quem se fez grande amigo e admirador. Esse seu primeiro encontro não podia deixar, por isso, de ser tocante, inesquecível. Falara-se do Imperador, já morto no exílio, do seu apoio moral e material, quando da fundação do Instituto, da grande simpatia enfim que tributava Luis Pasteur ao velho Imperador", conforme escreveu Gastão Pereira da Silva.

Os seus primeiros dias na Cidade-Luz foram, entretanto, marcados por profunda nostalgia. A saudade pun-

gia-lhe a alma, levando-o a confessar em correspondência "não ter tido boa impressão da monumental e grandiosa cidade", achando tudo "grande demais, sombrio e mesmo tristonho". De tudo queria saber: do seu professor de alemão, dos amigos e colegas, dos acontecimentos políticos que então se exacerbavam, terminando por indagar do problema da febre amarela: "Quando nos libertaremos dessa peste? É a nossa túnica de Nessus. É como uma novela indelével que nos degrada e humilha".

Durante mais de três anos, 1896 a 1899, a sua vida mergulha no Instituto Pasteur. Esse demorado tirocinio, na companhia dos sucessores imediatos do excelso iniciador da nova Medicina lhe retempera as qualidades nativas na austera disciplina daquele núcleo de altas investigações experimentais. Ao lado, porém, dessa febrilmente ativa, não lhe falta tempo para dirigir-se aos amigos, inclusive trazê-los informados sobre o desenvolver da famosa questão Dreyfus, que então empolgava o mundo. E escreveu: "A ciência dignou-se descer do seu alto pedestal e entrar francamente na luta dos combatentes". Adiante declara que "Duclaux, Diretor do Instituto, tem presidido uma série de reuniões públicas em que a flor da ciência francesa se declara a favor do infeliz e nobre Picquart, ainda engalilhado no Cherche-Midi, à espera do julgamento, que talvez se realize a 22 do corrente... se consentirem".

Aí está uma prova da universalidade do seu espírito que, nas sortidas das ciências, se deixava empolgar pela política ou elevar-se pelo belo e pelas artes. Todavia, "cauteloso, assíduo, modesto, trabalhador infatigável, caprichava em observar a mais rigorosa técnica nas pesquisas científicas que empreendia; em respeitar os regulamentos, a disciplina e a hierarquia"; pôde publicar trabalhos sobre Medicina Legal, pesquisas histo-patológicas etc., que lhe valeram fama e glória. "Sempre prudente", conta Sales Guerra, "não se descuidou de freqüentar uma fábrica de artefatos de vidro para laboratório, onde, de blusa como os demais operários, adestrou-se na manipulação e confecção de empolas, provetas, pipetas e em dar aos tubos de vidro o feitio adequado aos variados e multiformes aparelhos usados nos laboratórios". Tal aprendizado ser-lhe-ia muito útil quando viesse a cuidar do equipamento do Instituto de Manguinhos, onde, de inicio, tudo minguava menos o seu extraordinário desejo de produzir. Entre os muitos títulos que veio a conquistar, cabe-lhe o de ter sido quem primeiro fabricou empolas no Brasil.

Afinal retorna Oswaldo Cruz ao Rio de Janeiro, deixando no Instituto Pas-

teur uma merecida fama e trazendo ao seu País uma vasta bagagem científica. Não se mostra deslumbrado com o que vira ou fizera em Paris, nem tampouco é agora um desajustado. Modesto como sempre, retoma as suas atividades no laboratório de pesquisas e análises clínicas, ao mesmo tempo em que atende, no consultório, a portadores de moléstias gênito-urinárias em que se especializara. Honestamente recusa o convite que lhe fizera o Professor Francisco de Castro para trabalhar no seu serviço na Faculdade de Medicina, sob a alegativa de que não estava preparado para os mistérios próprios à cátedra do grande mestre. Volta ao Laboratório da Policlínica, onde apenas superintende os trabalhos que ali se realizam rotineiramente. A sua vida profissional, a despeito do conceito que ia grangeando entre os seus colegas, não parecia fadada ao êxito rápido e retumbante.

VII — Peste em Santos

Eis que no mesmo ano de seu regresso ao Brasil, "começa o País a utilizar os trabalhos do consumado bacteriologista, em quem a madureza do saber precede à dos anos. Em Santos começava a lavrar grave surto de peste e o Governo brasileiro, através da Diretoria de Higiene, incumbiu-o de ir averiguar a extensão da epidemia, as suas origens, e traçar-lhe o plano de combate. Dentro em pouco, Oswaldo Cruz concluiu o primeiro inquérito epidemiológico realizado no Brasil, identificando tecnicamente a doença, sua etiologia e respectivo mecanismo de transmissão, ao mesmo tempo que traçava as normas gerais de tratamento e profilaxia. Escrevendo a Sales Guerra, confirma o resultado de sua investigação e prognostica: "dentro em pouco a peste estaria no Rio, onde provavelmente se fixaria".

Não era profecia, mas uma afirmação de natureza científica.

É deste tempo a fundação do Instituto de Butantã que logo começou a funcionar, prestando soros e vacinas em larga escala, vindo a tornar-se mundialmente famoso pelos estudos originais sobre oïdismo, ali realizados. Sua direção foi confiada ao Dr. Vital Brasil, jovem médico, que estivera à morte, doente de peste, que contraíra quando fazia demonstrações experimentais em companhia de seu mestre Adolfo Lutz e Oswaldo Cruz, este especialmente enviado a São Paulo para estudar a epidemia reinante em Santos.

VIII — Instituto Soroterápico Nacional

Agora, a "sua capacidade vai ser posta à prova em teatro maior". Em 1900, a peste irrompe no Rio e põe

as autoridades em sobressalto. Ante a carência de material preventivo (soros e vacinas), ocorreu ao Barão de Pedro Afonso, Professor da Faculdade e titular da Diretoria de Higiene, a idéia de criar um instituto soroterápico nacional destinado a produzir, na medida das necessidades, o soro salvador. Homem ativo, dinâmico, forte e empreendedor, não perdeu tempo o Barão. O Prefeito Cesário Alvim, acolhendo a idéia, celebrou convênio com a Diretoria de Higiene, cedendo-lhe a Fazenda Manguinhos, próprio municipal, para a instalação do novo instituto. Quem dirigiria o Instituto de Manguinhos? A técnica de preparação de produtos biológicos requer conhecimentos especializados e cuidados exigentes, sob pena de resultarem inócuos ou nocivos. Esgotadas as possibilidades locais, cogitou-se de importar um técnico do instituto Pasteur, tendo sido a sugestão confiada ao Professor Emile Roux, então seu Diretor, que logo lembrou o nome de Oswaldo Cruz, "que ele considerava tão competente como qualquer dos de lá". Referem os historiadores que com tal recomendação se dissiparam as dúvidas, tendo o Barão, aliás amigo e compadre de seu pai, feito a indicação de Oswaldo Cruz, que a aceitou, mas não sem alguns receios. "Conhecia-lhe as qualidades e os senões"; "chefe autoritário, irritável, às vezes áspero, acha-cado a crises de rompantes que se não habituara a dominar".

O choque entre os dois não tardou: problemas de instalação, despesas de custeio, montagem de laboratórios, logo desgostaram Oswaldo que apenas havia pedido o indispensável sem todavia lograr deferimento por parte do Barão. A crise, porém, não evoluiu, tendo Oswaldo sido atendido nas suas exigências mínimas. Logo retomava com dedicação inexcedível os trabalhos preliminares, em maio de 1900, mas só a 23 de julho era o Instituto inaugurado numa cerimônia simples, ao gosto do sábio que o projetaria mais tarde no Brasil e no mundo. De início, Oswaldo cuidou de preparar o pessoal de que carecia para cumprir a finalidade imediata da nova instituição, mas não se descuidou de ir aos poucos dilatando-lhe a capacidade, de modo a dar-lhe feição de escola experimental de pesquisas, visando especialmente ao estudo das doenças tropicais. A reputação do Instituto começava a firmar-se, e o nome de Oswaldo, e os seus trabalhos originais, e o temperamento acolhedor, começavam a atrair para ali estudantes, pesquisadores, médicos recém-formados e quantos se interessavam nas novas doutrinas trazidas do Instituto Pasteur e ali aperfeiçoadas e desenvolvidas sob a direção e participação direta de Oswaldo Cruz.

Tudo corria bem. Os produtos ali fabricados faziam a prova, assim no

estrangeiro, para onde tinham sido enviados, como na aplicação prática que já começara a ser feita. Mas nova crise surgida na administração superior criou uma situação de irremediável incompatibilidade entre o Barão de Pedro Afonso e Oswaldo Cruz levando este a se demitir das funções que exercia, cumulado pelo reconhecimento dos que com ele privavam mais de perto. A retirada silenciosa e digna de Oswaldo comprometia, não há dúvida, o sucesso inicial do Instituto, precisamente no instante em que a peste recrudescia e mais necessários se faziam o seu trabalho dedicado e os seus inegáveis conhecimentos técnicos. No meio médico de então ninguém havia que ousasse ocupar o lugar do técnico demissionário. O próprio Barão assim pensou, parece, quando, solicitando demissão, deu por terminada a sua missão e ensejou a volta de Oswaldo ao cargo de Diretor Técnico e Administrativo do Instituto de Manguinhos, desta vez, diretor único.

Agora, Oswaldo Cruz, com novo ânimo, lança-se ao seu sonho, mais tarde realizado em toda a plenitude do seu idealismo: a criação de uma escola experimental — a sua maior obra, que havia de projetá-lo internacionalmente — o Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos, hoje Instituto Oswaldo Cruz.

Assumindo plenamente o comando do Instituto de Manguinhos, Oswaldo Cruz lutava desesperadamente contra toda sorte de dificuldades, dentre as quais avultavam a falta de recursos materiais e a escassez de pessoal qualificado. Mas, ante a sua inquebratável energia e extraordinária capacidade de trabalho, tudo haveria ele de vencer sem demora, pois a borbônica, a febre amarela e a varíola, em sinistro conúbio, assolavam violentamente a cidade.

IX — Diretoria Geral de Saúde

Com o governo de Rodrigues Alves, veio a lei de desacumulação de cargos que pegou o então Diretor de Saúde, obrigando-o a exonerar-se. Foi assim que o Dr. Sales Guerra, recusando o convite que lhe fora feito, sugeriu o nome de Oswaldo Cruz, ainda quase que confinado a Manguinhos, pouco conhecido, e até ignorado pelas principais autoridades da República. Era igualmente desconhecido do público e da imprensa, que receberam com respeito a sua nomeação. Ao investir-se no novo posto, Oswaldo tomara o compromisso de "extinguir a febre amarela no prazo de três anos, se o Governo lhe desse força e recursos". A afirmativa a muitos pareceu irrisória, sobretudo partida de um jovem médico de cabeleira romântica, confrontando a ciência da época que, desde muitos anos, não lograra nenhum

éxito no combate que oferecia aos surtos epidêmicos que de quando em quando irrompiam no Rio de Janeiro.

As idéias reinantes sobre o contágio da febre amarela estavam superadas e poucos se apercebiam da descoberta de Finlay e muito menos do sucesso obtido por técnicos americanos em Havana, trabalhando à luz da nova doutrina que explicava a transmissão através de um vetor alado — *stegomyia fasciata*, pernilongo que abundava no Rio de Janeiro e sempre presente onde aparecesse a febre amarela.

X — Febre Amarela

Para mostrar a fé inabalável e a confiança com que se lançava o jovem sanitário à campanha de erradicação da febre amarela em prazo exiguo, transcrevo de Rui Barbosa as suas próprias palavras, dando conta dos seus primeiros atos ao Ministro do Interior, que "resolvera imprimir amplo desenvolvimento à profilaxia da febre amarela, acomodando este serviço à orientação adotada em Cuba pelos médicos americanos. A extinção da febre amarela, dizia ele, nesse papel memorável, é questão resolvida. O problema está posto em equação por experiências decisivas. A solução já foi obtida pelos americanos em Cuba. Nada mais resta senão seguir-lhes as pisadas àqueles, que, em cerca de dois anos, extirparam dali uma epidemia cujo açoite, há séculos, dizimava aquela população. Não se trata de um ensaio; não é uma experiência; trata-se de fato consumado, da execução de um plano, que, seguido outra vez, dará, fatalmente, o mesmo resultado. É uma idéia vitoriosa, que já passou de hipóteses a fato positivo. O que os americanos conseguiram, não há razão para que não consigamos. Deem-nos, pois, os recursos materiais: dinheiro e leis, que garantam a execução das medidas, e, necessariamente, iremos ter ao mesmo fim. Numa palavra: a febre amarela cessará no Rio de Janeiro, desde que o Congresso ministre os meios que dele dependem. Disponha o Governo de dinheiro e das leis que julga necessárias, e a febre amarela, no Rio, será, em breve, extinta".

O alvoroço com que Oswaldo tomara conhecimento dos magníficos resultados obtidos pelos americanos na campanha antiamarilica de Cuba, fê-lo exclarar com desusada veemência: "será um crime não repetirmos aqui, sem demora, os mesmos processos..."

Conhecido e demonstrado o mecanismo de transmissão da febre amarela, cumpria a Oswaldo Cruz organizar a campanha e pô-la em execução. Basicamente, a luta contra a doença

consistia em isolar as pessoas contaminadas e destruir os criadouros de mosquitos.

Todavia "... a caçada de mosquitos como recurso profilático contra a peste negra, pelo aspecto grotesco que lhe emprestavam, em nada podia contribuir para o prestígio do novo Diretor de Saúde; ao contrário, como tema de ridículo, abundantemente explorado, como foi, concorria antes para diminui-lo".

Mesmo nos meios mais cultos, e até entre médicos, a novidade era recebida com reservas e galhofas, prenúncios da campanha de desmoralização a que seria submetido Oswaldo Cruz, esse moço "visionário ou leviano". A embarcar-lhe os passos, havia ainda a dualidade de Serviços de Saúde: um federal e outro municipal, este último em franca oposição à nova concepção epidemiológica da doença. Graças à intervenção do Dr. Luís Barbosa, da repartição municipal, concordou por fim o Prefeito que se adotasse a profilaxia havaiana.

Oswaldo Cruz, dando efetivo início à campanha, lança pela imprensa "os primeiros conselhos à população", esclarecendo-a quanto à maneira de se preservar da moléstia. Começava a guerra, desabando sobre Oswaldo Cruz todas as formas de protestos: prosa, verso, caricatura, canções, sendo os temas preferidos o ridículo, o grotesco, não raro o insultuoso. A oposição engrossava; Rui, em frase lapidar, assim descreve:

"A reação dos interesses, ignorâncias e preconceitos não conhece limites. No país clássico da resignação e docilidade, no país da servilidade e indiferença, ronca, desfeita, a proclama em bravos estampidos, revolvendo o povo, sacudindo o parlamento, abalando o elemento militar."

"Oswaldo Cruz, ocupado com a regeneração sanitária do País, não dava ouvidos à confusa algaravia, com que pretendiam atordoá-lo, tampouco pensava revistar, apanhando-as do chão, as invectivas com que tentavam molestá-lo."

"Minha única resposta, dizia aos íntimos, dá-la-ei breve — será a extinção da febre amarela."

Oswaldo ansiava por fazer a prova da nova técnica profilática, mas faltavam-lhe os recursos necessários. Afinal conseguiu organizar um pequeno corpo sanitário de oitenta e cinco homens, com os quais iniciava a luta contra o mosquito transmissor. A irreverência popular logo passou a chamar de "mata-mosquitos" os guardas sanitários que, sob o mando direto do Dr. Carneiro de Men-

donça — o "mosquiteiro-mor" — passou a atuar com zelo e eficiência na destruição dos focos de *stegomyia*. A reação se organizava e de tal modo era forte que Oswaldo logo se dirigia ao Ministro nos seguintes termos: "Tenho feito o que é humanamente possível fazer. Devo, porém, declarar-lhe que não seria possível acabar com a peste enquanto não existir a notificação compulsória, indispensável. Presentemente, os médicos sonegam os casos de febre, de sorte que ignoramos os focos infecciosados. Sendo assim, como destruí-los?"

Cuida, então, de preparar uma ampla reforma dos serviços de saúde e, justificando-a à saciedade, é a mesma enviada por mensagem do Sr. Presidente da República ao exame do Congresso Nacional. A 1º de julho de 1903, o Deputado Melo Matos apresentou à Câmara o projeto de lei da reforma dos serviços sanitários, encerrando o conjunto de medidas que Oswaldo Cruz considerava indispensáveis para sanear o Brasil. Em virtude desse projeto, ficava o Governo autorizado a promulgar o código sanitário. A despesa prevista montava a cinco mil e quinhentos contos de réis. A Oswaldo caberia o vencimento anual de 18 contos de réis. No Parlamento, o projeto Melo Matos sofreria tenaz combate ao qual se associava a imprensa, tachando-o de inócuo e vexatório. A convite da Comissão de Saúde da Câmara que deveria emitir parecer ao projeto, Oswaldo presta amplos esclarecimentos, mostrando que o que ali pleiteava não era senão o que já se incorporara à legislação sanitária dos países civilizados. Não obstante todas as informações fornecidas e a brilhante sustentação feita, o relator da Comissão de Saúde deu parecer contrário, impugnando as medidas propostas por Oswaldo, que não considerava válidas. Ao projeto em discussão, a Comissão propõe amplo substitutivo, sob especiosos argumentos pseudocientíficos no qual, entre outras conclusões, "absolve e redime o mosquito do feio pecado de propagar a febre amarela", menosprezando a recente experiência de Havana. O relator do projeto era médico, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina, deputado de várias legislaturas! A oposição crescia e tomava vulto, transformando-se numa tempestade de insultos, de invectivas e censuras. "Aos clamores e protestos contra as idéias de Oswaldo sobre a profilaxia da febre amarela, juntou-se ainda a voz prestigiosa da cadeira de Higiene da Faculdade", que sustentava igualmente a validade das técnicas de desinfecção, então correntes. As lições do Professor, anunciadas com alarde pela imprensa, assunham a feição de solene "desagravo ao mosquito, iniquamente acusado e perseguido por crimes que não cometeu".

Entremes, Adolfo Lutz e Emilio Ribas, em São Paulo, testavam as experiências de Cuba pondo três voluntários, imigrantes italianos, a dormir em quartos especiais providos de camas poluidas e lençóis manchados pelo sangue de doentes que as tinham utilizado recentemente. Como nenhum deles adoecesse, foram submetidos a novo teste, desta vez em companhia dos próprios experimentadores, que também se deixaram picar por mosquitos infectados no sangue de amarelentos. Resultado: Três casos positivos de febre amarela.

O Congresso, todavia, ainda não se pronunciara em definitivo e dissipava o tempo em discussões filosóficas, teatrais, que não tinham fim, em vez de votar ou repudiar de uma vez o projeto inquinado. Alguns periódicos abriram campanha contra as sucessivas protelações, exigindo da Câmara uma tramitação mais rápida, de modo que pudesse o projeto ir ao exame do Senado.

Ante o crescendo da oposição, Oswaldo Cruz resolveu dirigir-se ao Governo, por intermédio do Ministro competente, em termos incisivos: "faltam recursos monetários para continuar a campanha amarilica...; a oposição, em seus violentos ataques, serve-se do programa sanitário, que apresentei, para combater o Governo; contra mim clamam a imprensa, o Congresso, a ciência oficial — situação que não deve prolongar-se, desde que lhe não correspondem vantagens; por isso, apresento minha exoneração para não criar dificuldades ao Governo".

Ao tomar conhecimento do pedido de demissão, o Ministro disse-lhe que preferia cair com ele. E o Presidente da República, estranhando a decisão de Oswaldo Cruz, perguntou-lhe "se já não tinha fé na doutrina do mosquito..." — "Fé, absoluta", respondeu-lhe Oswaldo, "mas faltam-me recursos para o pagamento dos mata-mosquitos". Reafirmou-lhe, ainda, a inutilidade das desinfecções e ouviu do Presidente uma sincera manifestação de confiança no seu trabalho. A esta altura, a eficácia da profilaxia revolucionária já se evidenciava na queda da incidência da febre amarela. Mas os adversários não se deixavam vencer e até forjaram um telegrama, procedente de Nova Iorque, anuncianto ter irrompido novo surto de febre amarela em Cuba, apesar de não se ter interrompido a matança sistemática do mosquito. A notícia foi largamente explorada pela imprensa que afirmava ter "desabado a bandeira sanitária da decantada e grotesca teoria havaiana". Mas logo após era desmentida, oficialmente e reafirmada pelo próprio Dr. Finlay.

A par da critica contundente, insultuosa e ferina, começaram a surgir as primeiras manifestações públicas de apoio ao trabalho do Dr. Oswaldo Cruz, quer da parte de comentaristas idoneos, quer da parte de estrangeiros insuspeitos. Os Drs. Simond e Marchaux, então em missão científica no Brasil, em palestra com o Ministro da Justiça, declaravam "ter chegado à conclusão de que o mosquito é o único transmissor da febre amarela e que se o Governo prestar o auxílio solicitado pelo Dr. Oswaldo Cruz, dentro em breve tempo estará, nesta Capital, extinta a epidemia de febre amarela".

Vencidas as dificuldades, esgotados todos os recursos protelatórios, foi, afinal, por maioria expressiva, aprovado o projeto da reforma sanitária, após mais de cinco meses de acaloradas discussões. No Senado, a tramitação foi rápida, de modo que, em dezembro do mesmo ano, pôde ser aprovada a nova lei sanitária, que, no dizer de alguns, "violentaria a população mas não sanearia a cidade", sendo antes "um código de torturas" que um regulamento de saúde.

A notificação compulsória, tida para uns como "delação obrigatória", e a ação energica e decisiva da polícia sanitária iriam suscitar procedimentos judiciais sob o especioso e elástico conceito de inviolabilidade do lar. Não tardou a primeira ordem de *habeas corpus*, negada em primeira instância, mas concedida pelo Supremo Tribunal. A Oswaldo não passaram despercebidos os efeitos desastrosos para a campanha que tal fato significava.

"No dia seguinte, em ofício ao Governo, chamou sua atenção para as gravíssimas consequências desse *habeas corpus*, em virtude do qual, o expurgo só se podia fazer em casa de quem o permitisse, sendo ela embora perigoso foco de infecção".

A jurisprudência do Supremo, firmada na inconstitucionalidade do regulamento sanitário expedido pelo executivo, suscitou inúmeros debates, mas outras ordens de *habeas corpus* seguiram-se à primeira, facultando aos inquilinos recalcitrantes negarem-se formalmente a franquear suas casas aos mata-mosquitos. A questão era grave e destruía totalmente o princípio sobre o qual assentava a campanha profilática sustentada por Oswaldo. Interessando não obstante a saúde e a vida da população, caiu no domínio do ridículo, da troça, como é dos nossos hábitos. Choviam pedidos de *habeas corpus* e a questão já extravasara do Rio, indo ecoar nas Províncias onde a jurisprudência era obviamente acatada. Enfim, nova interpretação do Supremo — o *habeas corpus* só é remédio contra prisões ou constrangimentos ilegais e não

para manutenção de quaisquer outros direitos — restabeleceu a paz e trouxe geral sensação de desafogo.

Oswaldo Cruz pôde trabalhar mais confiante, verificando dia a dia decrescer a incidência da febre amarela até a sua completa extinção, certo de que a imunidade legal de uns não poderia prevalecer sobre a vida de muitos. Todos passaram a ter o mesmo tratamento ante à suprema lei: a saúde. Os índices epidemiológicos baixavam cada vez mais, porém a consciência sanitária do grande lutador não o deixava tranquilo, tão certo estava que novos casos surgiriam, se não houvesse continuidade nas medidas aprovadas.

Focos amarilicos foram identificados na vizinha cidade de Niterói, ao mesmo tempo que o Tribunal de Contas negava-se a registrar uma verba de setenta e dois contos de réis solicitada para exterminá-los. A cidade, por sua vez, continuava reclamando grandes e pequenas obras de engenharia sanitária, que assegurassem o rompimento dos eios da cadeia epidemiológica que tendia a se perpetuar. Os reacionários e os cépticos ainda brandiam armas, profetizando o retorno da moléstia tão logo as condições climáticas o permitissem. Foi quando, reunido no Panamá, o IV Congresso Médico Pan-Americano, pela unanimidade de seus prestigiosos participantes, reconheceu e proclamou como definitiva a doutrina da transmissão da febre amarela através do *Aedes aegypti*.

Tudo começava a mudar. Governo, povo e imprensa já acreditavam na eficiência dos métodos de Oswaldo Cruz, que, entrevistado, reafirmava a sua crença na extinção da febre amarela, no prazo por ele previsto. Certo jornal pilherava: o desaparecimento da febre amarela dar-se-á "a 8 de março de 1907, ao meio-dia, 60 minutos e 224 segundos".

Decorridos seis meses, nenhum caso autóctone de febre amarela fora registrado. E casos esporádicos, raros, oriundos dos Estados, não se podiam multiplicar, precisamente por falta do vetor alado.

Oswaldo Cruz, em 8 de março de 1907, dirigiu-se oficialmente ao Presidente da República:

"Folgo em levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, graças à firmeza e vontade do Governo, a febre amarela já não mais devasta sob a forma epidêmica a Capital da República."

Das manifestações de aplausos que se seguiram à data histórica, vale lembrar, por expressivos, as de James Carroll, então Chefe do Departamento Sanitário Militar, em Washington, e de Charles Richet, Prémic

Nobel de Medicina. O primeiro assim se expressou:

"Toda a glória e todo o mérito cabem ao Dr. Oswaldo Cruz, que teve a coragem de suas convicções e que de agora por diante deve ser considerado como o salvador da sua cidade."

E o Professor Richet, mais incisivo, escreveu:

"Sobretudo um homem, talvez o primeiro higienista do mundo, libertou o Rio de Janeiro da febre amarela."

XI — Peste Bubônica

A extinção da febre amarela cobria Oswaldo Cruz de justificadas glórias, mas não significava o fim da luta pelo saneamento do Rio de Janeiro, onde certas outras infecções, notadamente a peste bubônica e a varíola, corriam paralelamente com freqüentes ocorrências epidêmicas.

Assim, simultaneamente, a Diretoria de Saúde desdobrava-se no combate pelo menos a três endemias de alto poder de difusão e de elevado índice de mortalidade, caracterizando um desalentador complexo endemopidêmico.

Os embaraços e entraves oferecidos à campanha saneadora chefiada por Oswaldo Cruz persistiam e se exacerbavam quando interesses individuais eram contrariados. A falta de recursos e a inexistência de leis que sujeitassem a população às medidas preventivas agravavam as dificuldades das autoridades sanitárias.

A peste bubônica, que grassava no Rio desde 1900, oriunda de Santos, tal como previra Oswaldo Cruz, entrava em fase de exacerbação nos últimos meses do ano de 1903.

Um doloroso acontecimento registrado na época provocou profundo trauma na classe médica e causou forte emoção nas autoridades e no povo em geral: a morte do professor Francisco de Castro. "Era o médico de maior nomeada no seu tempo. Lente da Faculdade de Medicina, onde era chamado "divino mestre". Tendo-se contaminado no exercício da profissão, não sobreviveu à letal forma pulmonar da doença que, infelizmente, adquirira. O triste episódio repercutiu na consciência popular e a própria imprensa adversa mostrou-se sensível ao fato, abandonando o tom de chalaça, de ridículo e descrédito com que noticiava a ação dos agentes sanitários. Não obstante, o "humor não faltava, expresso em charges, caricaturas, canções e músicas populares, alusivas aos mosquitos e ratos combatidos por Oswaldo. A história seguinte é bem ilustrativa do estado de espírito da população em relação

ao grande higienista: Dois meninos brigavam na praça pública; repreendidos pela autoridade policial que por ali passava, um deles — o agressor — justificou-se, alegando que o outro lhe havia xingado, chamando-o de Oswaldo.

A peste era doença de etiologia e transmissão bem conhecida. O bacilo de Yersin alcança o homem direta ou indiretamente. Basicamente, o que mais interessa do ponto de vista epidemiológico é o mecanismo indireto que se faz por intermédio de pulgas infectadas em ratos doentes. A peste é uma infecção essencialmente dos ratos, podendo atingir o homem através das pulgas que lhes sugam o sangue contaminado. Com base nesse conhecimento, já testado com êxito em todos os países vítima da peste, foi estruturada a profilaxia. Combate aos ratos e às pulgas, acrescido do isolamento de pestosos com observância das precauções de natureza preventiva e antisseptica. A notificação de cada caso impunha uma série de providências que nem sempre podiam ser tomadas pela ausência do instrumento legal que respaldasse a pronta ação sanitária. Faltava a lei específica que continuava arrastando-se no Congresso, embora parte da imprensa esclarecida começasse a reclamá-la com mais vigor. As medidas profiláticas eficazes não podiam, entretanto, parar e, é claro, deviam concentrar-se na perseguição ao reservatório de bacilos mortíferos — o rato. Foi organizada a campanha de desratização. Guerra aos ratos por todos os meios e onde quer que se encontrassem. Oswaldo explicava à imprensa:

"Organizei uma brigada de 50 homens, que já foram vacinados, de modo a torná-los imunes, e que serão providos de ratoeiras e veneno. Esses homens, que ganham por mês uma bagatela, têm obrigação de trazer a esta repartição (Diretoria de Saúde), todos os dias, cinco ratos cada um. Os que trouxerem a mais serão pagos a 300 réis por cabeça".

As instruções e recomendações expedidas não tardaram a ser fraudadas. Houve encarregados do serviço que chegaram a ganhar 600 mil réis por mês. Outros chegaram a fabricar ratos de cera que incluiam entre o número de ratos mortos e outros chegaram ao desplante de importar ratos de outros Estados!... Havia-se formado um sindicato de ratos para explorar o comércio de ratos! A ação de Oswaldo transferiu-se ao "habitat" preferido desses roedores: casebres, encanamentos, esgotos, depósitos de cereais, armazéns do cais do porto, no que contou com o apoio inestimável do Prefeito Pereira Passos. Enérgica ação da polícia sanitária e a realização de obras de saneamento foram fatores decisivos na extinção da

epidemia de peste bubônica anunciada, oficialmente, em 4 de abril de 1904.

XII — Variola

Dominada a peste bubônica, intensificava-se a luta contra a varíola, cuja existência, no Rio, data do fim do século XVI. O tráfico africano pode ser responsabilizado por sucessivos surtos epidémicos que de quando em quando assaltavam a Capital do País. No inicio do século, concorría no obturário geral com elevada percentagem, tendo-se verificado, em 1904, 3.586 óbitos. Medidas profiláticas eram reclamadas com urgência e Oswaldo Cruz insistia na aprovação de leis que facilitassem a sua campanha, que se havia de fundamentar no isolamento dos doentes e na vacinação obrigatória. Mas o regulamento sanitário, logo apelidado de "Código de Torturas", permanecia no Congresso onde a Oposição, explorando a ignorância popular, dele se aproveitava para atacar o Governo e tirar proveito político. A imprensa por sua vez também insistia no deboche, tendo certo órgão, a título de ironia, sugerido que seria "lícito a cada cidadão ter moléstias epidémicas e transmiti-las a quem julgar conveniente".

Os debates prosseguiram com grande intensidade e com caráter mais violento do que acontecera no caso da febre amarela. A tal ponto chegaram os ataques e agitações que o Presidente Rodrigues Alves julgou de bom aviso perguntar a Oswaldo se não seria possível uma pausa nos processos profiláticos que se executavam. Oswaldo Cruz mostrou-se sensibilizado com a gentileza do Presidente, respondendo-lhe que se as exigências políticas eram de tal ordem, a ponto de abalar as instituições, bastava dar-lhe um substituto porque, quanto às suas convicções científicas, não poderia alterá-las. Rodrigues Alves teria comentado: "É impossível que este moço não esteja certo".

Na imprensa e no Congresso, degladiavam-se partidários e antagonistas da prática obrigatória da vacina.

A baderne praticamente estava na rua: comícios, conflitos com a polícia, depredação de bondes e lampeões da iluminação pública, levavam às barricadas e aos tiroteios indiscriminados. Já se falava na deposição do Presidente da República e o estabelecimento de uma Junta Militar; a situação ainda agravou-se mais "quando se soube que o General Travassos, que comandava os revoltosos da Escola Militar, fora mortalmente ferido em combate que se travara na rua da Passagem. Dessa luta resultaram muitos feridos e alguns mortos, tendo as forças legalistas do General Piragibe provocado a debandada dos alunos da Escola Militar e o fim do levante".

Com o estado de sítio que se seguiu, apressaram-se as providências relacionadas com a criação do Instituto Vacínico para a fabricação da linfa destinada aos que quisessem vacinarse. Medida puramente aleatória, anódina ou de escasso sentido profilático.

A aprovação da Lei n° 1.261, de 31 de outubro de 1904, que autorizava a prática da vacinação obrigatória, tinha sido apenas um pretexto para a sedição. Políticos inescrupulosos, explorando as paixões populares, as tendências sectárias e os preceitos filosóficos escondiam-se por traz da galharda mocidade da Escola Militar que se deixara imolar a desserviço da Pátria. "Até estudantes brasileiros, que deviam compor a Guarda de Honra de Oswaldo Cruz, modelo dos estudiosos, se deixaram levar pelo alarido antivacínico".

Mas Oswaldo a tudo resistia na serenidade de suas convicções e com a força de quem sabia estar realizando obra meritória, de alto sentido humano e patriótico. Na famigerada noite de 14 de novembro, de atmosfera carregadíssima, o Ministro, violentando a sua vontade, fê-lo escoltar de um piquete de cavalaria, pois próximo à sua residência, haviam-se concentrado "os desordeiros que se não contentavam de vociferar, ameaçar, apurar; repetidas vezes apedrejaram sua casa e dispararam tiros contra ela".

Oswaldo jamais perdeu a serenidade, mantinha-se calmo, sustentando com inequívocável firmeza a doutrina da obrigatoriedade da vacina, pois só nela depositava as suas esperanças de ver um dia o Brasil livre da infecção variólica.

Prestando contas de suas atividades, dizia:

"Uma torpe exploração política, torpe, porque especulou com a saúde e a vida da massa popular ignorante, impediu que tão patriótica lei já esteja em vigor".

E acrescentava:

"Tem esta Diretoria absoluta certeza que o patriótico Governo da República ordenará quanto antes que esta Diretoria ponha em prática a salutar lei da obrigatoriedade da imunização contra a varíola. A aplicação da medida é reclamada pelas 3.566 vítimas, imoladas em 1904 pela varíola".

Moléstia de profilaxia simples — isolamento e vacinação — conhecida desde a descoberta de Jenner, quando observou o efeito imunizante do "cowpox", foi, entretanto a que mais exigiu da tenacidade de Oswaldo Cruz e a que mais perdurou entre nós. Efectivamente só há coisa de três meses o ex-Ministro Rocha Lagoa, da Saúde, pode declarar no plenário da Organização Mundial de Saúde a sua extin-

ção no Brasil. O anúncio feito, se de um lado é auspicioso para nós, bem mostra de outra parte, quanto têm sido displicentes as nossas administrações sanitárias, não observando as reiteradas recomendações de Oswaldo Cruz, enfatizadas na necessidade de se dar continuidade às práticas preventivas.

Falando de Oswaldo Cruz e da varíola, permitam-me V. Ex.ªs incluir neste modesto trabalho uma palavra de homenagem à memória de outro batalhador, provinciano embora, mas com notáveis serviços prestados ao meu Estado, o Ceará. Trata-se de Rodolfo Teófilo que, como Oswaldo Cruz, foi um benemérito e um patriota. Na terrível epidemia que açoitou Fortaleza em 1877, houve dia em que o número de óbitos por varíola chegou a ser mais de mil (1004), dos quais 230 cadáveres ficaram insepultos por carenção de coveiros. Coincidindo com a famigerada seca dos três oito e com as levas de retirantes que buscavam a capital, a varíola de novo instalava-se em Fortaleza, desta vez com menor incidência nos adultos, pois a população estava em grande parte naturalmente vacinada com a epidemia de 1878. Rodolfo Teófilo entregava-se a um trabalho penoso de vacinação, começando por uma campanha de educação e esclarecimento do povo. Como Oswaldo Cruz, era pertinaz e indiferente aos doestos e insultos com que muitas vezes foi injuriado, quando, de subúrbio em subúrbio, a cavalo, paciente, ia difundindo a doutrina, domesticando os rebeldes e inoculando a linfa protetora. Fundou a liga Cearense Contra a Varíola como que em oposição à Liga Contra a Vacina, que viria a ser fundada no Rio. Com a instituição da vacina obrigatória, Rodolfo Teófilo deu-se por desobrigado do compromisso que tomara consigo mesmo, deixando, porém, o Estado expurgado da peste. É desnecessário dizer que o ingente trabalho do grande benemérito não foi continuado pelos serviços oficiais, o que determinaria para o futuro outras epidemias de varíola. Mas o seu trabalho ficou nas páginas da História, como uma esplêndida obra de filantropia, de desprendimento e de amor ao próximo.

Oswaldo, como Rodolfo Teófilo, sabia que a extinção da varíola, de profilaxia tão fácil de estabelecer, só poderia ser obtida mediante a imunização sistemática dos receptíveis. Num dos seus freqüentes relatórios oficiais, Oswaldo Cruz desabafa:

"É vergonhoso que no Século XX a cidade que, por todos os motivos, tem o incontestável direito de ser considerada a primeira cidadã da América do Sul tenha sido o maior foco de varíola do mundo durante o ano de 1904".

XIII — Vitória de Oswaldo

Afinal restabelecia-se a salubridade do Rio de Janeiro, tão duramente sofrido pelas mortíferas epidemias que o castigaram no dealbar do século. Tanto que, no fim do ano de 1907, nos Estados Unidos, Oswaldo Cruz afirmou sem vacilações ao Presidente Teodoro Roosevelt que a febre amarela havia sido dominada no Rio de Janeiro de modo que, sem qualquer risco, a grande esquadra americana poderia ali aportar e desembarcar seus 15 mil tripulantes, como na verdade acontecia, nos últimos dias de janeiro de 1908.

Meses antes, em setembro de 1907, Oswaldo Cruz, chefiando uma delegação brasileira, estivera na Alemanha, participando do XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia. Paralelamente ao Congresso, realizava-se também uma mostra de Higiene, onde foram expostos todos os documentos referentes às campanhas sanitárias do Brasil e às atividades do Instituto de Manguinhos. Os trabalhos do grande sanitário foram por tal modo apreciados que lhe valeram o 1.º premio, constante de medalha de ouro, oferecido pela Imperatriz Alexandra. Era a consagração que, afinal, ao regressar, lhe havia de render entusiásticas homenagens de seus patrícios, agora orgulhosos com a projeção conquistada por Oswaldo, expressa pelas vozes mais eminentes da medicina internacional. A imprensa concitava vivamente a população a prestar-lhe calorosas homenagens e a lhe manifestar de modo bem patente o seu reconhecimento pela extinção da febre amarela, pela salubridade crescente do Rio de Janeiro, pela conquista do primeiro premio de Berlim". Neste mesmo tom as convocações se sucediam para que Oswaldo tivesse uma recepção à altura de seus méritos. Oswaldo era talvez o único que se não deixara contagiar pelos clarins da glória, pois, além de avesso ao exibicionismo, sabia que a sua missão ainda não terminara.

No que se refere à varíola, um de seus mais prestimosos auxiliares, o Dr. Barroso Amaral, assim se extenuava:

"Exigir que uma autoridade sanitária impeça o desenvolvimento de uma epidemia de varíola sem aplicação sistemática do único recurso profilático, que é a vacinação e revacinação, é exigir de alguém a extinção de um incêndio sem que se lhe forneça o principal elemento para isto, que é a água."

Oswaldo continuava a recomendar aos seus auxiliares o cumprimento de seu lema preferido: "não esmorecer para não desmecer".

XIV — Novas Epidemias

Embora dominadas a peste e a febre amarela, a varíola, continuava uma ameaça. Oswaldo antevia um novo surto epidêmico, pois a lei da vacinação obrigatória, embora votada e sancionada, simplesmente não era cumprida. A população ignorante, cheia de preconceitos e tabus, incitada pelos políticos e pelos arruaceiros sem escrúpulos, resistia à sua prática. A imprensa, todavia, pelos seus principais órgãos, mudara de comportamento em contraste com a posição que tomara em 1904, passando a reclamar com veemência o cumprimento da lei da vacinação obrigatória. Mas não faltavam vozes discordantes, inclusive que reclamassem a "liberdade de ter varíola". No Congresso, um ilustre Senador, médico e Prof. de Medicina, extremoso defensor das liberdades republicanas, continuava defendendo a vacinação livre! Ele próprio jactava-se de haver debelado uma epidemia de varíola, em São Paulo, sem recorrer à imunização obrigatória!... Oswaldo aguardava as providências, dizendo simplesmente: "Espero que o Governo se digne de mandar que a varíola seja extinta, e, nesse dia, ela o será. Um País civilizado não pode mais ter na estatística mortuária a rubrica — varíola. Acanho-me, todas às vezes que, como agora, tenho de referir que a varíola ainda grassa no Rio".

O que é fato é que, no ano de 1908 ainda se registraram, no Rio, 15.161 casos de varíola com 9.048 óbitos.

XV — Instituto de Manguinhos

Oswaldo Cruz mais uma vez teria de se submeter à imposição legal que vedava a acumulação de cargos. Anunciada a sua vigência para 19 de agosto de 1909, afastava-se imediatamente da Diretoria-Geral de Saúde. Sem ter hesitado um instante sequer na opção que fez pelo Instituto de Manguinhos que já vinha dirigindo desde 1902, quando se deu o rompimento com o Barão de Pedro Afonso.

É curioso notar que a sua saída da Diretoria de Saúde deu-se silenciosamente, sem qualquer manifestação de reconhecimento por parte da autoridade superior, deslebrada de certo dos relevantes serviços por ele prestados no combate às epidemias recentes, ocorridas no Rio. O mesmo não aconteceu, entretanto, na colméia científica que já era o Instituto de Manguinhos, autônomo desde 1908, quando passou a chamar-se Instituto Oswaldo Cruz. Durante as terríveis campanhas que enfrentara, no tumulto da luta ou no conforto das vitórias obtidas, Oswaldo jamais esquecera a Escola que fundara e que animara com a sua presença, com os seus conselhos e com a sua extrema dedicação.

Pouco antes de deixar a Saúde, ao completar 37 anos, Oswaldo recebeu da classe médica brasileira entusiástica homenagem à qual se associaram todos os participantes do IV Congresso Médico Latino-Americano. Na oportunidade, foi-lhe entregue medalha de ouro com sua efígie e a do Instituto como prêmio aos seus trabalhos.

Integrado plenamente no Instituto, onde já trabalhavam, desde 1903, homens como Henrique Rocha Lima, Alcides Godoy e Henrique Aragão, os dois últimos ainda como estudantes de medicina, e aos quais veio logo juntar-se Carlos Chagas, pôde Oswaldo Cruz dar-lhes toda a assistência, preparando-os para as grandes conquistas que viriam enaltecer e projetar a ciência médica brasileira em todo o mundo.

"Naqueles pequenos laboratórios improvisados em velhas casinhas — diz um de seus discípulos — patenteavam-se aos olhos de todos, a personalidade rara, o alto saber e as exímias qualidades de chefe de Oswaldo e que o conduziram, seguramente, no futuro, a vitórias sem par nos anais científicos brasileiros. Suavemente, mas pedindo do que mandando, ele ia conduzindo com segurança e método o ritmo de trabalho e instruindo seus auxiliares..."

Os resultados das pesquisas ali realizadas não tardaram a vir a lume. Trabalhos experimentais, executados com todo o rigor científico e sob tão esclarecida orientação, começaram a aparecer especialmente no campo da bacteriologia, da imunologia, da parasitologia e da patologia propriamente dita, sem prejuízo das atividades iniciais da fabricação de produtos biológicos.

Infundindo novo vigor aos trabalhos ali em curso, Oswaldo Cruz, já em 1908, contratava pesquisadores estrangeiros que trouxeram ao Instituto a colaboração de seus conhecimentos e de sua experiência amadurecida, tais como, entre outros, Giemsa e Prowazek. Dentre os nacionais, vale a pena assinalar a presença de Adolfo Lutz que já tinha sido atraído pelo mestre.

A Carlos Chagas, um dos seus discípulos mais queridos, estaria reservada importante descoberta no campo da patologia tropical. Entregue aos trabalhos de profilaxia da malária em Lassance, Minas Gerais, Chagas teve sua atenção despertada para um estranho inseto de hábitos domésticos, vulgarmente conhecido com o nome de "barbeiro". Examinando-o ao microscópio, verificou Carlos Chagas ser o referido inseto portador de um protozoário. Tratou de remeter a Oswaldo Cruz alguns espécimes de "barbeiros" infectados para que os pusesse a

picar animais de laboratório. Examinando as cobaias inoculadas, encontrou no seu sangue um tripanossomo, que Chagas propôs se chamasse Tripanossomo cruzi, em homenagem ao mestre. Prosseguindo na investigação, veio a indentificar o mesmo germe no sangue de doentes da região. Conhecida a etiologia, Chagas estudou e descreveu a nova doença em todos os seus aspectos, inclusive a transmissão através do "barbeiro", caracterizando, assim, uma nova entidade patológica, isto é, uma nova tripanossomíase humana, conhecida hoje com o nome de doença de Chagas, em sua homenagem.

Oswaldo Cruz não conteve o seu entusiasmo e proclamou: "O Chagas acaba de fazer uma descoberta estrondosa". Com efeito, os trabalhos de Carlos Chagas repercutiram em todo o mundo e, tendo sido submetido à contraprova pelos maiores tropicalistas da época, acabaram por conquistar o prêmio Schaudinn, equivalente a uma consagração internacional.

Oswaldo Cruz exultava com as sucessivas vitórias que o Instituto ia obtendo. Fundou uma revista — "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" — para divulgação científica dos seus trabalhos, e instituiu um Curso de Aplicação, destinado a atender ao grande número de interessados no estudo da microbiologia e parasitologia, que procuravam a escola de Manquinhos.

XVI — Saneamento da Amazônia

Embora já fossem graves as manifestações da insidiosa moléstia que tão cedo o arrebataria à ciência e à humanidade, Oswaldo Cruz dispôs-se a viajar para as regiões insalubres da Amazônia, onde a malária dizimava im piedosamente os operários da Madeira-Mamoré. Não se poupou, resistiu aos conselhos dos colegas e desatendeu aos tocantes apelos da família. Fez-se acompanhar do Dr. Belizário Pena, que, vigilante, estava sempre ao seu lado, dispensando-lhe todos os cuidados médicos de que carecia.

Diz Rui Barbosa: "Não lhe bastava lutar contra a malária aqui... Se o chamam a paragens longínquas, inóspitas e fatais, onde quer que sejam, não lhe importam os riscos, irá levar o socorro, estabelecer o remédio e deixar o exemplo".

Oswaldo Cruz, sentindo-se cada vez mais doente, vendo os dias fugirem céleres, dedicava-se ao estudo das doenças locais, observando e anotando, para ao final, em 1913, apresentar relatório sobre as condições médica-sanitárias do Vale do Amazonas, no qual se continham sugestões ainda

hoje válidas. "Quase tudo o que foi observado há sessenta anos ainda está de pé, fornecendo seguro roteiro para os modernos exploradores da Região".

Organizado o combate à malária, Oswaldo, ao regressar, foi solicitado pelo Governo do Pará para extinguir a febre amarela em Belém e outras cidades do Estado, o que conseguiu no prazo exiguo de menos de um ano.

Mas as suas energias físicas continuavam a minguar. Se o êxito das campanhas levadas a efeito na Amazônia não foi completo, deve-se-lhe a fixação de linhas de trabalhos, de pesquisa e de experimentação, que cabe aos seus discípulos retomarem agora, precisamente quando o Governo se lança à execução do Plano de Integração Nacional.

O estudo da patologia tropical, com ênfase nas margens das rodovias que se estão abrindo, nas áreas de colonização e irrigação que se estão implantando, é tarefa que representa verdadeiro desafio aos seguidores de Oswaldo Cruz, é uma exigência que, não cumprida, poderá levar ao fracasso todo um esforço nacional, visando à integração amazônica.

Não vingaram as tentativas anteriores de transferência de nordestinos para a Amazônia, precisamente por falta de uma infra-estrutura sanitária, capaz de garantir a sobrevivência dos novos colonizadores, que eram, assim, entregues, sem quaisquer medidas de proteção, à agressividade da selva insalubre.

É de louvar-se a recente iniciativa do Governo, criando a Secretaria Especial de Saúde da Região Amazônica, Dec. n.º 70.640, de 29-5-72, com o objetivo de "planejar, coordenar, programar e controlar as atividades dos órgãos e mecanismos executivos do Ministério da Saúde na Região Amazônica, particularmente nas áreas das Rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém". Não bastam, porém, tais finalidades. Ao novo órgão deveria caber igualmente, e principalmente, a incumbência de realizar estudos e investigações de modo a levantar um quadro da nosologia regional, e sobre ele traçar normas de uma medicina integrada, ao mesmo tempo preventiva e curativa.

A precária medicina dispensada aos novos colonizadores nada representa como coisa definitiva, se não estiver precedida de medidas profiláticas, traçadas à luz de um completo conhecimento nosográfico regional. Normas de medicina preventiva e obras de saneamento básico não podem ser confiadas a improvisações profissionais, adstritas às práticas de uma medicina pseudo-integrada. A redenção da economia da Amazônia e a

sua integração à comunidade nacional dependem, não há dúvida, da infra-estrutura de saúde, ainda não cuidada na extensão exigida.

Aos homens do Ministério da Saúde, e particularmente aos técnicos do Instituto Oswaldo Cruz, por patriotismo e em homenagem à memória do Mestre, compete a sedutora tarefa. É mister que da pesquisa pura que ali se realiza passem à pesquisa aplicada e retomem a inspiração inicial, fazendo de Manguinhos a escola experimental por excelência, idealizada pelo seu grande criador.

Antes de passar ao capítulo "Academia Brasileira de Letras", abro um parêntese para manifestar ao Ministro da Saúde, aqui presente, minha esperança, a nossa esperança, senão a nossa confiança nas diretrizes por S. Ex.^a já fixadas em relação à ação do Ministério da Saúde na Amazônia.

XVII — Academia Brasileira de Letras

Refere uma de suas filhas, D.^a Lízeta, que, com a nomeação de Oswaldo Cruz para o cargo de Diretor da Saúde Pública, deu-se simultaneamente a nomeação do respectivo secretário. Estranhou Oswaldo que lhe nomeassem secretário, cargo de confiança, pois ao Diretor caberia fazer a indicação. O Ministro Seabra, ante o protesto, teve de tornar sem efeito a "nomeação de um jovem médico baiano, há pouco chegado ao Rio".

Anos depois, em 26 de junho de 1913, o mesmo "jovem médico baiano" — o Dr. Afrâncio Peixoto, outro não era — recebia-o na Academia Brasileira de Letras com estas memoráveis palavras:

"Vossa presença aqui nada tem de surpreendente. Consideramos que ocupais agora um dos lugares que vos devem caber, por toda a parte onde a benemerência seja acatada. Cumprimos conosco, um dever da nossa honra, antes de vos agraciarmos com uma distinção."

E, após estabelecer uma correlação entre as ciências e as letras, acrescentava:

"... do vosso Instituto, perdido numa restinga de mangue, fizestes palácio encantado, como a fantasia dos califas nunca realizou no Oriente; na maravilha da construção arquitetônica não faltam entretanto os mínimos requintes de comodidade e de técnica: ele é o vosso grande retrato, objetivo e espiritual, traçado com a sinceridade dos que pensam realizar apenas uma idéia e

refletem nas coisas a própria natureza. É nesse cenário, que preparamos para a vossa família intelectual, os discípulos, que passais os vossos mil e um dias, embevecidos e extáticos, na pesquisa da verdade e na contemplação da ciência."

Oswaldo Cruz jamais pleiteara o seu ingresso na Academia. Não buscava a imortalidade das letras, pois já a conquistara nas suas lides com a ciência. Levantada a sua candidatura à Casa de Machado de Assis, Oswaldo recusou-se a aceitá-la e por todos os meios procurou resistir ao assédio dos amigos e de alguns acadêmicos da ilustre companhia. "Mas houve quem, afinal, se mostrasse molestado com tantas negativas, chegando a insinuar que o sábio colocava a sua glória acima da investidura acadêmica. Tanto bastou para que, embora constrangido, consentisse na apresentação do seu nome... Quando todos os outros meios falharam, venceu um simples ataque ao seu reduto de sensibilidade e delicadeza."

A vaga de Raimundo Correia correu também Emílio de Menezes, o fino humorista que então fazia o encanto das rodas boêmias do Rio de Janeiro. Diz-se que, após sofrer a inesperada derrota, encontrando-se com Carlos de Laet, teria dito: "Seu Laet, eu não contava com a derrota e escrevi o elogio do Raimundo. O Dr. Oswaldo Cruz, grande cientista, não se preocupa com essas frioleiras... Você poderia falar com ele... E eu vendo barato..."

Emílio, entretanto, não ficara resabiado com Oswaldo, pois, mais tarde, dando vazão ao seu espírito de humor, publicou os seguintes versos:

"Entre a saída do imortal Oswaldo
E a entrada, a pulso, do assistente Moses,

Esta, da ciência, não aguenta o saldo,

E aquela, ao certo, traz maiores latrozes.

Por bem que de cultura arranje
Um caldo,

E de aplausos consiga algumas doses,

Baldo de nome e de concurso
Baldo,

Em balde o aclamam protetoras
vozes.

Se por sete anos já serviu, persista,

Pois da ciência a Raquel, Lobão
astuto,

Há de ter por direito de conquista.

Mas espera, sereno e resoluto
E sempre esta verdade tenha em
(vista:
Oswaldo, por si só vale o Insti-
tuto."

Ao ser recebido na Academia, Oswaldo Cruz fez o elogio de Raimundo Correia, traçando-lhe o perfil de juiz e poeta, num belo estudo de sua rica personalidade, onde destaca o verdadeiro pavor que o poeta tinha pelas doenças contagiosas, menos por si que pelo perigo de transmiti-las a alguém.

Eleito e empossado, Oswaldo não freqüentaria a Academia, escusando-se de participar de suas reuniões. Não comparecia às votações, mas, para uso próprio, escrevia em casa os seus votos. Eis um deles:

"Para a vaga de Salvador de Men-
donça, voto em Emílio de Mene-
zes. (a) Oswaldo Gonçalves Cruz.
Rio, 15 de junho de 1914."

É curioso notar: de Afrânia Peixoto, que recusara para seu secretário, recebera justos e merecidos elogios; a Emílio, seu contendor no pleito para a Academia, dava agora o seu voto.

XVIII — Petrópolis — Falecimento

Amigos e familiares de Oswaldo Cruz, sentindo-o cada vez mais doente, pleitearam e obtiveram do Governo do Estado do Rio a sua nomeação para Prefeito de Petrópolis, cidade serrana por ele preferida para breves períodos de repouso. Não foi fácil convencê-lo de que deveria apartar-se do Instituto de Manguinhos. Não se rendeu, por certo, aos argumentos dos amigos, nem aos rogos da família, mas cedeu ao imperativo da moléstia. Não se despediu da família de Manguinhos, dando-lhe a impressão de que apenas fora chamado a cumprir mais uma missão.

Assumindo a Prefeitura, não se beneficiou do ameno clima serrano, nem aproveitou do repouso de que carecia. Ao contrário, "com uma rapidez incrível, apresenta um plano completo de melhoramento e higienização da cidade e vai procurando realizar o que é possível, pois seus dias estão improrrogavelmente contados".

Todos os setores da administração foram reorganizados e dinamizados, não faltando sequer o estabelecimento de normas de economia e moralidade administrativas.

Não lhe faltaram opositores. Mas com a mesma clarividência, o mesmo ânimo, a mesma determinação de

sempre, avança no seu programa administrativo. A insidiosa não lhe detinha os passos. Não confraternizava com os maus políticos que tentavam estorvar-lhe a ação. Não os atendia nas suas reivindicações interesseiras, que esbarravam na sua integridade moral. Não satisfeitos, os políticos irritavam-se e reagiram até o desencadeamento de "uma das mais cruéis campanhas, que é possível imaginar, contra um homem excepcional e benemérito por tantos feitos gloriosos e que está nos limites extremos da sua vida".

Entre uma e outra providência administrativa, ainda encontrava tempo para ler a Bíblia, a Imitação de Cristo e a Vida de Pasteur, esta a sua leitura preferida desde os bons tempos de Manguinhos, fonte de todas as suas inspirações. Cultivava rosas e estudava formigas.

Um dia, porém, assaltado por súbita perturbação visual, confidenciava, amargamente, a Carlos Chagas: "Está tudo acabado. Agora é o deslocamento da retina!" Por outro lado, as lesões que minavam o seu organismo eram irreversíveis. Manifestadas desde 1908/9, agravavam-se dia a dia, inexoravelmente. A sua bela aparência física, de forte e vigorosa, entrava em decadência e prenunciava a caquexia cardíaco-renal. A debilidade orgânica contrastava com a sua extraordinária energia moral, expressa na sua inflexível vontade de realizar.

Procurando disfarçar as crises de dispneia e a arritmia cardíaca que o torturavam, continuava despachando o expediente da Prefeitura que lhe vinha ter às mãos, até que, a 31-1-1917, resolveu transmitir o cargo a seu substituto legal. Como Pasteur, teria sussurrado: "Tenho pena de morrer; queria prestar ainda mais serviços à minha terra".

Poucos dias depois, a onze de fevereiro, entra em agonia e falece. Um forte soluço partido de Sales Guerra, acompanhado da expressão consagradora: "Foi o homem mais perfeito que conheci".

No dia seguinte, cumprida uma das suas disposições testamentárias, segundo a qual deveria ser poupadão "dos atavios convencionais com que a sociedade reveste o ato da nossa retirada do cenário da vida", descia de Petrópolis, rumo ao Rio de Janeiro, a urna funerária em que "simplesmente envolto numa alva mortalha", fazia o corpo de Oswaldo Cruz.

Este homem, "feito de afoteza e prudência, de imaginação e ponderação, de intuição e crítica, "como Pasteur, era, como Pasteur", uma vontade obstinada, um vigor seguro de si

mesmo, uma fé capaz de levantar montanhas".

Por seus atributos de caráter, não menos que por sua autêntica vocação de cientista, coube-lhe a inefável ventura de ser um desses levitas do sacerdócio, consagrado ao alívio dos padecimentos humanos.

Reverenciemos-lhe a memória. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é vivamente cumprimentado.)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — JORGE, Ricardo — Informação para o ano acadêmico de 1970/71 da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical de Lisboa.
- 2 — EDMUNDO, Luiz — O Rio de Janeiro no meu Tempo.
- 3 — BARBOSA, Ruy — Figuras Brasileiras. Conferência pronunciada no Teatro Nacional do Rio de Janeiro, em 28-5-1917. Atlântida Editora — Rio.
- 4 — GUERRA, E. Sales — Oswaldo Cruz. Casa Editora Vechi Limitada — Rio de Janeiro, 1940.
- 5 — SILVA, Gastão Pereira — O Romance de Oswaldo Cruz. Brasília Editora — Rio.
- 6 — DIAS, Ezequiel Caetano — Traços biográficos de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
- 7 — OLIVEIRA, Otávio G. — Oswaldo Cruz e suas atividades na direção da Saúde Pública Brasileira. Rio de Janeiro, 1955. — IBGE.
- 8 — ARAGÃO, Henrique Beaurepaire — Oswaldo Cruz e a Escola de Manguinhos. Conferência realizada no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, São Paulo, em 20-9-1940.
- 9 — ARAGÃO, Henrique Beaurepaire — Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. Tomo 48.
- 10 — LACORTE, José Guilherme — Oswaldo Cruz. Sua atuação no campo da pesquisa científica e da saúde pública. Conferência pronunciada no Instituto Presidente Castello Branco, em 15-3-1972.
- 11 — Instituto Oswaldo Cruz — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1948. Reimpresso da Revista Arquivos, n.º 1.
- 12 — TEÓFILO, Rodolfo — Variola e Vacinação no Ceará. Tipografia Minerva, Ceará, 1910.
- 13 — BARBOSA, Francisco de Assis — Retratos de Família. 2.ª edição. Livraria José Olímpio — Rio.
- 14 — RIBEIRO, Leonídio — Ensaios e Perfis. Rio de Janeiro, 1954. Editora Sul América S/A.
- 15 — FALCAO, Edgard Cerqueira — A incompreensão de uma época. Oswaldo Cruz e a Caricatura. Monólito Histórica. Tomo I.

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Poucos, no Brasil, afirmaram tão bem e de forma tão eloquente sua passagem na vida pública quanto o homenageado desta tarde. Se Oswaldo Cruz foi um cientista, e dos maiores do Brasil, foi, também, um cidadão de coragem exemplar. Nele, o homem da investigação e do estudo coexistia harmoniosamente com o homem de Estado que, decidindo, sabia votar-se, resolutamente, à ação, sobranceiro à turbulência dos

protestos e à agitação dos inimigos do novo, do que se eria para aperfeiçoar, inovar ou sanear ou salvar.

Dos que sabem crer e, pela crença, se atiram à luta vivem os povos e nações.

A coragem foi vitoriosamente afirmada, em lances que perpetuaram o cidadão ilustre, no respeito do seu povo e no reverente registro da História. E o Rio de Janeiro viu um sanitário ilustre agigantar-se, para enfrentar a onda de rebeldia contra a vacinação obrigatória.

Entre os grandes atributos do cidadão investido em função pública nenhum há que mereça ser mais exaltado que o da coragem no agir e determinar contra interesses ou indisposições de forças poderosas, que pretendam obstar o progresso social. Não se inova sem contrariar os que, acomodados, são beneficiários da rotina e difícil é vencer o fatalismo que alguns inculcam ao povo, para justificar a incapacidade de criar alternativas salvadoras.

Oswaldo Cruz é, hoje, um dos eleitos para as nossas homenagens, no ano do Sesquicentenário. Pioneiro, desbravou os caminhos da medicina experimental e se fez um grande benemerito. O Senado, através dos Senadores Benjamin Farah e Waldemar Alcântara, consigna o aplauso ao brasileiro que, há um século, nasceu para

fazer da vida uma constante de dedicação à medicina e de coragem na defesa da saúde do povo. (Muito bem! Palmas.)

Registro para, honrado, agradecer a presença do Exmo. Sr. Ministro da Saúde, Dr. Mário Machado de Lemos, do Professor Oswaldo Cruz Filho e Exma. Sra., e dos eminentes Mestres, notáveis cientistas que representam o Hospital das Forças Armadas, o Instituto Evandro Chagas, a Faculdade de Medicina de Pelotas, do Rio Grande do Sul, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, a Sociedade Universitária Gama Filho, o Instituto Butantã, a Secretaria Especial de Saúde da Região Amazônica, a Fundação Serviços Especiais de Saúde Pública, a Fundação SESP, em Belo Horizonte, o Serviço Jurídico do Ministério da Saúde, o Instituto Fernandes Figueira, o Colégio Pedro II, e o Instituto de Leprologia.

Reiterando, pois, os agradecimentos a essas autoridades nomeadas, designo para a sessão ordinária de amanhã a seguinte

ORDEM DO DIA

1

Votação, em primeiro turno (apreciação preliminar da juridicidade, nos termos do artigo 279 do Regimento Interno), do Projeto

de Lei do Senado n.º 70, de 1971, de autoria do Sr. Senador Benjamin Farah, que estende à Associação dos Motoristas do Serviço Público Civil (AMoSP) e às entidades congêneres os benefícios da Lei n.º 1.134, de 14 de junho de 1950, tendo

PARECERES, sob n.ºs 64 e 156, de 1972, da Comissão:

— de Constituição e Justiça; 1.º pronunciamento: pela injuridicidade do projeto, com voto em separado do Sr. Senador Franco Montoro; 2.º pronunciamento: no sentido de que a Emenda n.º 1, de Plenário, sana a injuridicidade do Projeto.

2

Discussão, em segundo turno, do Projeto de Lei do Senado n.º 2, de 1972, de autoria do Sr. Senador Magalhães Pinto, que dá nova redação ao artigo 693 do Código Civil, nos termos do Substitutivo da Comissão de Constituição e Justiça (oferecido em seu parecer n.º 174, de 1972), aprovado em primeiro turno na sessão de 8-8-72.

O SR. PRESIDENTE (Petrônio Portella) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 17 horas e 40 minutos.)

M E S A		LIDERANÇA DA ARENA E DA MAIORIA
Presidente:	4.º-Secretário:	Líder: Filinto Müller (ARENA — MT)
Petrônio Portella (ARENA — PI)	Duarte Filho (ARENA — RN)	Vice-Líderes: Ruy Santos (ARENA — BA) Eurico Rezende (ARENA — ES)
1.º-Vice-Presidente:	1.º-Suplente:	Antônio Carlos (ARENA — SC)
Carlos Lindenbergs (ARENA — ES)	Renato Franco (ARENA — PA)	Dinarte Mariz (ARENA — RN)
2.º-Vice-Presidente:	2.º-Suplente:	José Lindoso (ARENA — AM)
Ruy Carneiro (MDB — PB)	Benjamin Farah (MDB — GB)	Saldanha Derzi (ARENA — MT)
1.º-Secretário:	3.º-Suplente:	Osires Teixeira (ARENA — GO)
Ney Braga (ARENA — PR)	Lenoir Vargas (ARENA — SC)	Benedito Ferreira (ARENA — GO)
2.º-Secretário:	4.º-Suplente:	LIDERANÇA DO MDB E DA MINORIA
Clodomir Milet (ARENA — MA)	Teotônio Vilela (ARENA — AL)	Líder: Nelson Carneiro (MDB — GB)
3.º-Secretário:		Vice-Líderes: Danton Jobim (MDB — GB) Adalberto Sena (MDB — AC)
Guido Mondin (ARENA — RS)		

COMISSÕES

Diretora: Edith Balassini
 Local: 11.º andar do Anexo
 Telefones: 24-1009 e 24-8105 — Ramal 300.

A) COMISSÕES PERMANENTES

Chefe: Francisco José Fernandes
 Local: Anexo — 11.º andar
 Telefone: 24-8105 — Ramal 301.

1) COMISSÃO DE AGRICULTURA — (CA)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Paulo Guerra
 Vice-Presidente: Mattos Leão

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Antônio Fernandes
 Vasconcelos Torres
 Paulo Guerra
 Daniel Krieger
 Flávio Britto
 Mattos Leão

MDB

Amaral Peixoto Adalberto Sena
 Secretário: J. Ney Passos Dantas — Ramal 303
 Reuniões: Quintas-feiras, às 16 horas
 Local: Sala das Reuniões da Comissão de Finanças.

2) COMISSÃO DE ASSUNTOS REGIONAIS — (CAR)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Waldemar Alcântara
 Vice-Presidente: Benedito Ferreira

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

José Guiomard
 Waldemar Alcântara
 Dinarte Mariz
 Wilson Campos
 José Esteves
 Benedito Ferreira

MDB

Adalberto Sena Franco Montoro
 Secretário: Geraldo Sobral Rocha — R. 312
 Reuniões: Quintas-feiras, às 15 horas
 Local: Auditório.

3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA — (CCJ)

(13 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Daniel Krieger
 Vice-Presidente: Accioly Filho

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

José Lindoso
 José Sarney
 Arnon de Mello
 Helvídio Nunes
 Antônio Carlos
 Eurico Rezende
 Heitor Dias
 Gustavo Capanema
 Wilson Gonçalves
 José Augusto
 Daniel Krieger
 Accioly Filho

Orlando Zancaner
 Osires Teixeira
 João Calmon
 Mattos Leão
 Vasconcelos Torres
 Carvalho Pinto

MDB

Nelson Carneiro

Franco Montoro

Secretária: Maria Helena Bueno Brandão — Ramal 305
 Reuniões: Quartas-feiras, às 15 horas
 Local: Auditório.

4) COMISSÃO DO DISTRITO FEDERAL — (CDF)

(11 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Cattete Pinheiro
 Vice-Presidente: Adalberto Sena

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Dinarte Mariz
 Eurico Rezende
 Cattete Pinheiro
 Benedito Ferreira
 Osires Teixeira
 Fernando Corrêa
 Saldanha Derzi
 Heitor Dias
 Antônio Fernandes
 José Augusto

Paulo Tôrres
 Luiz Cavalcante
 Waldemar Alcântara
 José Lindoso
 Filinto Müller

MDB

Adalberto Sena

Nelson Carneiro

Secretário: Cláudio Carlos Rodrigues Costa — Ramal 306
 Reuniões: Quintas-feiras, às 15 horas
 Local: Sala de Reuniões da Comissão de Relações Exteriores.

5) COMISSÃO DE ECONOMIA — (CE)

(11 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Magalhães Pinto

Vice-Presidente: Vasconcelos Torres

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Magalhães Pinto	Domício Gondim
Vasconcelos Torres	José Augusto
Wilson Campos	Geraldo Mesquita
Jessé Freire	Flávio Britto
Augusto Franco	Leandro Maciel
Orlando Zancaner	
Paulo Guerra	
Milton Cabral	
Helvídio Nunes	
Luiz Cavalcante	

MDB

Amaral Peixoto	Franco Montoro
----------------	----------------

Secretário: Cláudio Carlos Rodrigues Costa — Ramal 306

Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas

Local: Sala de Reuniões do Gabinete do Presidente da Comissão.

6) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA — (CEC)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Gustavo Capanema

Vice-Presidente: João Calmon

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Gustavo Capanema	Arnon de Mello
João Calmon	Helvídio Nunes
Tarso Dutra	José Sarney
Geraldo Mesquita	
Cattete Pinheiro	
Milton Trindade	

MDB

Benjamin Farah	Adalberto Sena
----------------	----------------

Secretário: Cláudio Carlos Rodrigues Costa — Ramal 306

Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas

Local: Sala de Reuniões da Comissão de Finanças.

7) COMISSÃO DE FINANÇAS — (CF)

(17 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: João Cleofas

Vice-Presidente: Virgílio Távora

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Celso Ramos	Cattete Pinheiro
Lourival Baptista	Antônio Carlos
Saldanha Derzi	Daniel Krieger
Geraldo Mesquita	Milton Trindade
Alexandre Costa	Dinarte Mariz
Fausto Castello-Branco	Emival Caiado
Ruy Santos	Flávio Britto
Jessé Freire	Eurico Rezende
João Cleofas	
Carvalho Pinto	
Virgílio Távora	
Wilson Gonçalves	
Mattos Leão	
Tarso Dutra	

MDB

Amaral Peixoto	Nelson Carneiro
Franco Montoro	
Danton Jobim	

Secretário: Hugo Rodrigues Figueiredo — Ramal 314
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas
Local: Sala de Reuniões da Comissão de Finanças — Ramais 172 e 173.**8) COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO SOCIAL — (CLS)**

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Franco Montoro

Vice-Presidente: Heitor Dias

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Heitor Dias	Wilson Campos
Domício Gondim	Accioly Filho
Paulo Tôrres	José Esteves
Benedito Ferreira	
Eurico Rezende	
Orlando Zancaner	

MDB

Franco Montoro	Danton Jobim
----------------	--------------

Secretário: Marcus Vinícius Goulart Gonzaga — Ramal 310
Reuniões: Quartas-feiras, às 18 horas
Local: Sala de Reuniões da Comissão de Relações Exteriores.

9) COMISSAO DE MINAS E ENERGIA — (CME)
(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Arnon de Mello
Vice-Presidente: Benjamin Farah

TITULARES **SUPLENTES**

ARENA	
Arnon de Mello	Paulo Guerra
Luiz Cavalcante	Antônio Fernandes
Leandro Maciel	José Guiomard
Milton Trindade	
Domicio Gondim	
Orlando Zancaner	

MDB

Benjamin Farah Danton Jobim

Secretário: Marcus Vinicius Goulart Gonzaga — Ramal 310.

Reuniões: Terças-feiras, às 16 horas.

Local: Sala de Reuniões da Comissão de Relações Exteriores.

10) COMISSÃO DE REDAÇÃO — (CR)

(5 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Antônio Carlos
Vice-Presidente: Danton Jobim

TITULARES **SUPLENTES**

ARENA	
Antônio Carlos	Cattete Pinheiro
José Lindoso	Wilson Gonçalves
Filinto Müller	
José Augusto	

MDB

Danton Jobim Adalberto Sena

Secretária: Beatriz Brandão Guerra — Ramal 130.
Reuniões: Terças-feiras, às 11 horas.
Local: Auditório.

11) COMISSAO DE RELAÇÕES EXTERIORES — (CRE)
(15 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Carvalho Pinto
Vice-Presidente: Wilson Gonçalves

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Carvalho Pinto	Milton Cabral
Wilson Gonçalves	Fausto Castello-Branco
Filinto Müller	Augusto Franco
Fernando Corrêa	José Lindoso
Antônio Carlos	Ruy Santos
Arnon de Mello	Cattete Pinheiro
Magalhães Pinto	Jessé Freire
Accioly Filho	Virgílio Távora
Saldanha Derzl	
José Sarney	
Lourival Baptista	
João Calmon	

MDB

Franco Montoro	Amaral Peixoto
Danton Jobim	
Nelson Carneiro	

Secretário: Marcus Vinícius Goulart Gonzaga — Ramal 310.

Reuniões: Terças-feiras, às 15 horas.

Local: Sala de Reuniões da Comissão de Relações Exteriores.

12) COMISSAO DE SAÚDE — (CS)

(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Fernando Corrêa
Vice-Presidente: Fausto Castello-Branco

TITULARES**SUPLENTES****ARENA**

Fernando Corrêa	Saldanha Derzl
Fausto Castello-Branco	Wilson Campos
Cattete Pinheiro	Celso Ramos
Lourival Baptista	
Ruy Santos	
Waldemar Alcântara	

MDB

Adalberto Sena Benjamin Farah

Secretária: Léda Ferreira da Rocha — Ramal 314.
Reuniões: Terças-feiras, às 15 horas.
Local: Sala de Reuniões da Comissão de Finanças.

13) COMISSÃO DE SEGURANÇA NACIONAL — (CSN)
(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Paulo Tôrres

Vice-Presidente: Flávio Britto

TITULARES**SUPLENTES**

Paulo Tôrres
 José Lindoso
 Virgílio Távora
 José Guiomard
 Flávio Britto
 Vasconcelos Torres

ARENA

Alexandre Costa
 Orlando Zancaner
 Milton Trindade

MDB

Benjamin Farah

Amaral Peixoto

Secretário: Geraldo Sobral Rocha — Ramal 312.

Reuniões: Quintas-feiras, às 16 horas.

Local: Auditório.

14) COMISSÃO DE SERVIÇO PÚBLICO CIVIL
— (CSPC)
(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Amaral Peixoto
 Vice-Presidente: Tarso Dutra

TITULARES**SUPLENTES**

Tarso Dutra
 Augusto Franco
 Celso Ramos
 Osires Teixeira
 Heitor Dias
 Jessé Freire

ARENA

Magalhães Pinto
 Gustavo Capanema
 Paulo Guerra

MDB

Amaral Peixoto

Benjamin Farah

Secretário: J. Ney Passos Dantas — Ramal 303.

Reuniões: Quintas-feiras, às 15 horas.

Local: Sala de Reuniões da Comissão de Relações Exteriores.

15) COMISSÃO DE TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES E OBRAS PÚBLICAS — (CT)
(7 Membros)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Leandro Maciel

Vice-Presidente: Alexandre Costa

TITULARES**SUPLENTES**

Leandro Maciel
 Alexandre Costa
 Luiz Cavalcante
 Milton Cabral
 Geraldo Mesquita
 José Esteves

MDB

Danton Jobim

Benjamin Farah

Secretária: Lêda Ferreira da Rocha — Ramal 314.

Reuniões: Quartas-feiras, às 17 horas.

Local: Sala de Reuniões da Comissão de Finanças.

B) COMISSÕES TEMPORARIAS**Comissões Mistas, Especiais e de Inquérito****Chefe: J. Ney Passos Dantas****Local: 11º andar do Anexo****Telefone: 24-8105 — Ramal 303**

- 1) Comissões Temporárias para Projetos do Congresso Nacional.
- 2) Comissões Temporárias para Apreciação de Votos.
- 3) Comissões Especiais e de Inquérito.
- 4) Comissão Mista do Projeto de Lei Orçamentária (art. 90 do Regimento Comum).

O CONGRESSO NACIONAL E O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

HISTÓRICO DA LEI COMPLEMENTAR N.º 7, DE 7-9-70

COMISSÃO MISTA

- Designação de membros (DCN — 22-8-1970, pág. 464)
- Instalação — 1ª Reunião (DCN — S. II — 22-8-1970, pág. 3.486)
- Debates — 2ª Reunião (DCN — S. II — 12-9-1970, pág. 3.837)

DISCURSOS

(Na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e em Sessão Conjunta do Congresso Nacional — vide índice de oradores)

DISCUSSÃO DO PROJETO

(DCN — 4-9-1970, pág. 596)

EMENDAS

(DCN — 2-9-1970, pág. 477)

- Parecer do Relator às emendas (DCN — 3-9-1970, pág. 542)
- Debates na Comissão Mista; votação das emendas na Comissão Mista (DCN — S. II — 12-9-1970, pág. 3.837)
- Votação das emendas (DCN — 4-9-1970, pág. 613)

LEITURA DO PROJETO

(DCN — 22-8-1970, pág. 464)

MENSAGEM N.º 13/70

Do Poder Executivo, encaminhando o Projeto à consideração do Congresso Nacional (DCN — 22-8-1970, pág. 464)

PARECER DA COMISSÃO MISTA

(DCN — 3-9-1970, pág. 530)

PARECER DO RELATOR

(DCN — 3-9-1970, pág. 530)

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR

- Mensagem do Poder Executivo, solicitando que a matéria se transforme em Projeto de Lei Complementar — (DCN — S. II — 27-8-1970, pág. 3.560)

SANÇÃO

— Lei Complementar nº 7/70 (D.O. — 8-9-1970, 1ª pág.)

SUBSTITUTIVO DO RELATOR

(DCN — 3-9-1970, pág. 558)

- Votação em Sessão Conjunta, aprovação (DCN — 4-9-1970, pág. 613)

VOTAÇÃO DO PROJETO

(DCN — 4-9-1970, pág. 613)

VOTOS DE DECLARAÇÕES DE

(DCN — 4-6-1970, pág. 617)

Volume com 356 páginas — Preço: Cr\$ 10,00

**TRABALHO ELABORADO E REVISADO PELA DIRETORIA
DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA**

REFORMA ADMINISTRATIVA

(Redação Atualizada)

Decreto-lei n.º 200, de 25 de fevereiro de 1967, com a nova redação que lhe deram a Lei n.º 5.396, de 26-2-68 (DO de 29-2-68), e os Decretos-leis n.os 900, de 29-9-69 (DO de 30-9-69), 991, de 21-10-69 (DO de 21-10-69), e 1.093, de 17-3-70 (DO de 18-3-70).

Índice Alfabético (Por Assunto) — Legislação Correlata

Edição organizada, revisada e impressa pelo

SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Preço: Cr\$ 5,00

ANAIIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967

Os ANAIS DA CONSTITUIÇÃO DE 1967, obra elaborada pela Diretoria de Informação Legislativa e impressa pelo Serviço Gráfico do Senado Federal, compreendem 7 volumes em feição inteiramente nova, diversa do estilo tradicional de Anais.

Ao quadro comparativo (Projeto de Constituição de 1967 — Constituição de 1964 — Emendas Constitucionais e Atos Institucionais) distribuído aos Senhores Congressistas no início da discussão e votação da nova Constituição, seguem-se, agora, os demais volumes dos Anais.

1.º VOLUME: Edição 1967 — 420 págs. — Preço: Cr\$ 6,00. Antecedentes da Constituição através do noticiário da imprensa.

Neste volume são divulgadas as principais manifestações da imprensa brasileira, no decorrer do ano de 1966, em editoriais, crônicas; entrevistas e reportagens, abordando a reforma constitucional desde a indicação da Comissão de Juristas; o texto do Anteprojeto da Comissão de Juristas; as divergências ocorridas entre os membros daquela Comissão; as manifestações de Congressistas e constitucionalistas face ao problema da outorga, eleição de uma Assembléia Constituinte ou ato convocatório do atual Congresso; o papel desempenhado pelos Presidentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Senador Moura Andrade e Deputado Adauto Lúcio Cardoso, em defesa da independência e soberania do Poder Legislativo, críticas e sugestões ao Projeto de Constituição e análise dos Capítulos do Projeto originário do Executivo e remetido ao Congresso em 12 de dezembro de 1966.

2.º VOLUME: Edição 1967 — 432 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Primeira fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional — Discussão e votação do Projeto.

Este volume contém os pronunciamentos dos parlamentares nas 18 sessões conjuntas realizadas de 12 a 21 de dezembro de 1966 para discussão e votação do Projeto de Constituição.

Focaliza as manifestações referentes à matéria constitucional, fornecendo, para facilitar as pesquisas, índices de sessões, autores (de discursos, apartes, declarações de voto e questões de ordem) — com pequeno resumo dos temas abordados — e ainda um índice de assuntos.

3.º VOLUME: Edição 1968 — 202 págs. — Preço: Cr\$ 5,00. Discursos pronunciados em sessões do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

Discursos pronunciados antes do envio do Projeto da nova Constituição ao Congresso Nacional, assim como aqueles referentes ao período da convocação extraordinária do Congresso, com uma cobertura completa dos trabalhos constitucionais, a partir de 29-11-66 até 11-1-67.

4.º VOLUME: Edição 1968 — 1.192 págs. (2 tomos) — Preço: Cr\$ 20,00. Num total de 945 págs. Segunda fase de tramitação do Projeto de Constituição no Congresso Nacional.

Discussão e votação das emendas. Contém os pronunciamentos ocorridos nas sessões conjuntas realizadas de 5 a 24 de janeiro de 1967 para discussão e votação das emendas ao Projeto e promulgação da nova Constituição.

5.º VOLUME: Edição 1969 — 746 págs. — Preço: Cr\$ 10,00. Comissão Mista.

Contém as reuniões realizadas pela Comissão Mista encarregada de emitir parecer sobre o Projeto de Constituição e as emendas que lhe foram oferecidas.

6.º VOLUME: Edição 1969 — 1.076 págs. (2 tomos) — Preço: Cr\$ 20,00. Emendas oferecidas ao Projeto de Constituição.

Este volume apresenta cada emenda com a respectiva justificação e sua tramitação detalhada: pareceres (dos Sub-Relatores, do Relator-Geral e da Comissão Mista), requerimentos (destaque, preferência, votação conjunta) e votação. É feita a remissão ao 4.º volume da obra, com indicação nas páginas.

7.º VOLUME: Edição 1970 — Quadro Comparativo.

Constituição de 1967 — Projeto originário do Poder Executivo — Emendas aprovadas, artigo por artigo. Volume com 282 páginas — Preço: Cr\$ 8,00.

ASSINATURAS DO

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL (SEÇÃO II)

OS PEDIDOS DEVEM SER ACOMPANHADOS DE CHEQUE VISADO, ORDEM DE PAGAMENTO OU VALE POSTAL, PAGÁVEIS EM BRASÍLIA, A FAVOR DO

SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Caixa Postal 1.503

Praça dos Três Poderes

Brasília — DF.

PREÇOS DAS ASSINATURAS:

Via Superfície:

Semestre .. Cr\$ 20,00

Ano Cr\$ 40,00

Via Aérea:

Semestre .. Cr\$ 40,00

Ano Cr\$ 80,00

"MANUAL DE ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA MUNICIPAL"

Volume com 64 páginas — Preço Cr\$ 5,00

ÍNDICE

- I — Da Filiação Partidária
- II — Convocação da Convenção Municipal
- III — Registro das Chapas
- IV — Impugnação do Registro
- V — Instalação e Funcionamento da Convenção
- VI — Ata da Convenção
- VII — Dos Livros do Partido
- VIII — Dos Diretórios Municipais
- IX — Das Comissões Executivas
- X — Dos Delegados dos Diretórios
- XI — Do Registro dos Diretórios
- XII — Dos Municípios sem Diretórios
- XIII — Prazo de filiação para concorrer às eleições municipais de 1972
- XIV — Diretórios Distritais e órgãos de cooperação

ANEXOS:

- a) Modelo nº 1 — Edital de Convocação da Convenção Municipal
- Modelo nº 2 — Notificação de Convencional para comparecer à Convenção
- Modelo nº 3 — Requerimento de Registro de Chapas
- Modelo nº 4 — Autorização coletiva para inscrição de candidato
- Modelo nº 5 — Ata da Convenção
- Modelo nº 6 — Termos de Abertura e Encerramento
- Modelo nº 7 — Edital de Convocação do Diretório Municipal
- Modelo nº 8 — Notificação aos membros do Diretório
- Modelo nº 9 — Requerimento ao Juiz Eleitoral indicando os Delegados
- b) RESOLUÇÃO nº 9.058, de 3 de setembro de 1971, do Tribunal Superior Eleitoral

LEGISLAÇÃO ELEITORAL E PARTIDÁRIA

PUBLICAÇÃO DA DIRETORIA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA DO SENADO FEDERAL

Volume com 326 páginas — Preço Cr\$ 20,00

ÍNDICE

- I — LEI ORGÂNICA DOS PARTIDOS POLÍTICOS
- a) Lei nº 5.682, de 21 de julho de 1971 — "Lei Orgânica dos Partidos Políticos" (D.O. de 21-7-71; ret. D.O. de 23-7-71).
 - b) Lei nº 5.697, de 27 de agosto de 1971 — "Dá nova redação aos artigos que menciona da Lei nº 5.682, de 21 de julho de 1971
 - Lei Orgânica dos Partidos Políticos" (D.O. de 19-9-71).
 - c) Quadro Comparativo:
 - Lei nº 5.682, de 21 de julho de 1971 — "Lei Orgânica dos Partidos Políticos" (D.O. de 21-7-71; ret. D.O. de 23-7-71);
 - Lei nº 5.697, de 27 de agosto de 1971 — "Dá nova redação aos artigos que menciona da Lei nº 5.682, de 21 de julho de 1971 — Lei Orgânica dos Partidos Políticos" (D.O. de 19-9-71);
 - Projeto de Lei nº 8/71 (CN); e
 - Lei nº 4.740, de 15 de julho de 1965 — "Lei Orgânica dos Partidos Políticos" (D.O. de 19-7-65; ret. D.O. de 3-7-65).
 - d) Instruções para Organização, Funcionamento e Extinção dos Partidos Políticos — Resolução nº 9.058, de 3 de setembro de 1971, do Tribunal Superior Eleitoral (D.J. de 13-9-71).
- II — CÓDIGO ELEITORAL
 - a) Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 — "Institui o Código Eleitoral" (D.O. de 19-7-65; ret. D.O. de 30-7-65).
 - b) alterações:
 - Lei nº 4.961, de 4 de maio de 1966 — "Altera a redação da Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 (Código Eleitoral)" (D.O. de 6-5-66) (alterações já consignadas);
 - Decreto-lei nº 441, de 29 de Janeiro de 1969 — "Altera e revoga dispositivos da Lei nº 4.961, de 4 de maio de 1966" (D.O. de 30-1-69; ret. D.O. de 4-2-69) (alterações já consignadas);
 - Decreto-lei nº 1.064, de 24 de outubro de 1969 — "Altera a redação do art. 302 do Código Eleitoral, e dá outras providências" (D.O. de 27-10-69).
 - III — SUBLEGENDAS
 - Lei nº 5.453, de 14 de julho de 1969 — "Institui o sistema de sublegenda, e dá outras providências" (D.O. de 18-6-68).
 - IV — INELEGIBILIDADES
 - Lei Complementar nº 5, de 29 de abril de 1970 — "Estabelece, de acordo com a Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, art. 151 e seu parágrafo único, casos de inelegibilidades, e dá outras providências" (D.O. de 29-4-70).

MAR TERRITORIAL

DOIS VOLUMES CONTENDO 862 PAGINAS

- REUNIAO DO COMITÉ JURÍDICO INTERAMERICANO
- CONFERÊNCIA SOBRE O DIREITO DO MAR (GENEBRA 1971)
- 58 CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR DE HAIA
- ARTIGOS SOBRE O MAR TERRITORIAL
- PRONUNCIAMENTO NO CONGRESSO SOBRE ASSUNTOS DO MAR
- OS NOVOS CAMINHOS DO MAR
- LEGISLAÇÃO E ACORDOS INTERNACIONAIS INTERESSADOS
- LEGISLAÇÃO ESTRANGEIRA
- ACORDOS INTERNACIONAIS
- REUNIAO LATINO-AMERICANA SOBRE ASPECTOS DO DIREITO DO MAR

PREÇO DE VENDA: DOIS VOLUMES CR\$ 35,00

DIRETRIZES E BASES PARA O ENSINO

(OBRA ELABORADA E REVISADA PELA DIRETORIA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA)

Dois Volumes com 638 páginas

HISTÓRICO DA LEI Nº 5.692 DE 11 DE AGOSTO DE 1971

PREÇO DE VENDA DOS DOIS VOLUMES — CR\$ 30,00

REFORMA AGRÁRIA

(Obra elaborada e revisada pela DIRETORIA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA)

Três volumes com 1.115 páginas

Legislação brasileira de reforma agrária, política agrícola e desenvolvimento regional contendo:

- textos integrais dos diplomas legais, a partir da Lei n.º 4.214/63 ("Estatuto do Trabalhador Rural")
- alterações, regulamentações e remissões da legislação transcrita
- ementário da legislação correlata
- histórico das leis (tramitação completa e detalhada no Congresso Nacional)
- marginália (pareceres, regimentais, portarias etc.)

A obra contém um índice cronológico da legislação e um índice por assunto de toda a matéria, com a citação de artigos, parágrafos, itens e alíneas.

PREÇO DOS TRÊS VOLUMES — CR\$ 30,00

Obra impressa pelo Serviço Gráfico do Senado Federal — Brasília — DF

Constituição da República Federativa do Brasil

QUADRO COMPARATIVO

Volume com 328 páginas — Preço: Cr\$ 8,00

Contém, comparadas
em todos os artigos:

Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969.
Constituição do Brasil de 24 de janeiro de 1967 (e as alterações introduzidas pelos Atos Institucionais de nºs 5 a 17 e Ato Complementar nº 40/69, ratificado pelo art. 3º do Ato Institucional nº 6/69).
Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 18 de setembro de 1946 (com as Emendas Constitucionais e Atos Institucionais que a alteraram).

Em notas, além de outras observações, são destacadas as alterações aprovadas pelo Congresso Nacional, através de emendas, ao Projeto de Constituição remetido ao Congresso pelo Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, em dezembro de 1966.

Trabalho organizado e revisto pela Diretoria de Informação Legislativa e impresso pelo
SERVIÇO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

INELEGIBILIDADES

LEI COMPLEMENTAR Nº 5, DE 29 DE ABRIL DE 1970

“Estabelece, de acordo com a Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, art. 151 e seu parágrafo único, casos de inelegibilidades, e dá outras providências.”

ÍNDICE — LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 5.581, DE 26 DE MAIO DE 1970

“Estabelece normas sobre a realização de eleições em 1970, e dá outras providências.”

LEGISLAÇÃO CITADA

PREÇO: CR\$ 3,00

Trabalho elaborado, revisado e impresso pelo Serviço Gráfico do Senado Federal

**Serviço Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.503
Brasília — DF**

EDIÇÃO DE HOJE: 32 PÁGINAS

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr\$ 0,20